



Curso de Pós-graduação a Distância

# Dom Bosco e seu Tempo



**Autor:**  
Brasdorico Merqueades dos Santos

---

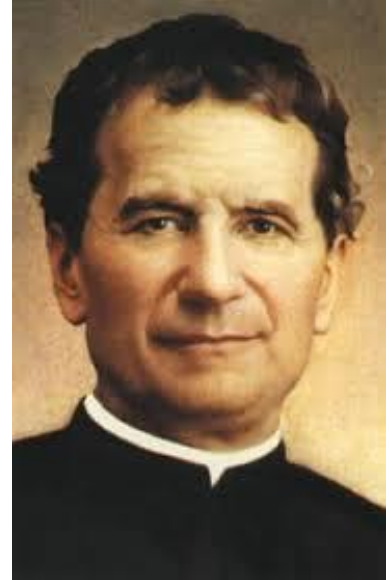
## SUMÁRIO

<b>UNIDADE 1 – SÉCULO XIX: O MUNDO EM TRANSFORMAÇÕES.....</b>	<b>05</b>
1.1 Quem é Dom Bosco.....	05
1.2 Cenário histórico e geográfico da vida de Dom Bosco .....	06
1.3 A Restauração na Itália.....	11
<b>UNIDADE 2 – O GERMINAR DA SEMENTE.....</b>	<b>15</b>
2.1 Realidade familiar .....	15
2.2 Um pouco de Mamãe Margarida.....	16
2.3 Realizando sonhos .....	19
2.4 Um encontro inesperado.....	21
2.5 Sinais de uma vocação .....	23
2.6 Na escola pública.....	25
2.7 Uma rede de amizades.....	27
<b>UNIDADE 3 – UM PADRE PARA OS JOVENS.....</b>	<b>33</b>
3.1 A vida no seminário de Chieri .....	33
3.2 João Bosco sacerdote .....	39
3.3 A Revolução Industrial .....	42
3.4 O oratório como resposta .....	45
3.5 Figuras inspiradoras .....	50
<b>UNIDADE 4 – O SISTEMA PREVENTIVO.....</b>	<b>55</b>
4.1 Características essenciais .....	55
4.2 Para entender a preventividade .....	56
4.3 O sistema adotado por Dom Bosco .....	56
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

Dom Bosco é o santo dos jovens. Por eles e com eles desenvolveu uma preciosa pedagogia sintetizada no Sistema Preventivo. Uma obra que para ser compreendida necessita ser vista desde as experiências iniciais de Dom Bosco, na própria família, enriquecida depois pela multiplicidade de relacionamentos na adolescência e juventude, bem como pelas diferentes fases de estudo, que avançou do vilarejo para as pequenas cidades e daí para o grande centro: Turim.

Este estudo tem um interesse específico: apresentar acontecimentos e experiências que levaram Dom Bosco a ser um padre educador dos jovens. Apresentamos de modo contextualizado e com critérios histórico-críticos, momentos importantes da sua história. Nesta perspectiva são apresentados:



Fonte: <http://migre.me/w1EuA>

- **contexto**, que evidencia valores e atitudes que, no caso de Dom Bosco, foram objeto de suas reflexões e escolhas;

- **relacionamentos**, que para Dom Bosco, oportunamente, forjaram seu caráter, sua espiritualidade, orientaram suas escolhas;

- **experiências**, que foram vitais para a elaboração consciente, evolutiva e organizada do seu Oratório e posteriormente, de sua Congregação.

As unidades convergem para uma síntese no Sistema Preventivo, fundamentado na Razão, Religião e Amorevolezza. De modo lógico e progressivo permitem perceber que cada um destes fundamentos foi sendo sedimentado na personalidade de João Bosco ao longo da sua formação. Também foi crescente, para ele, a certeza de que Deus o convidava para uma missão especial: educar a juventude.

Assim, mostramos a realidade da infância: os valores familiares, a pobreza, a orfandade. Avançamos para as experiências de estudo e seminário. Contextualizamos a sua realidade sociopolítica e educacional, como forma de evidenciar sua opção fundamental, sob o ponto de vista vocacional e da missão. Culminamos tudo isto apresentando o seu sistema educativo. Resultado de uma vida, de uma série de experiências e reflexões, mas, sobretudo, expressão de um amor entranhado e comprometido pela juventude.

Esperamos, pelo menos, três coisas:

1º - que haja **uma compreensão** correta e suficiente dos processos vitais que levaram Dom Bosco a optar pelos jovens e pelo Sistema Preventivo;

2º - que possa surgir, deste breve estudo, **uma paixão** ainda maior por Dom Bosco, bem como a **crença em seus valores** educativos;

3º - que seja **apenas o começo** de um estudo ainda mais aprofundado que avançará para outros níveis de salesianidade.

Boa sorte! Bom estudo!

Que, pela intercessão de Dom Bosco, Deus abençoe a todos!

### Como estudar Dom Bosco

O Centro Salesiano Regional, com sede em Quito (Equador), cuja atividade principal é a formação de docentes em salesianidade, propôs metodologia de caráter científico para o estudo de Dom Bosco. Tal procedimento nos preserva de sensacionalismos, de afirmações inconsistentes ou mesmo ânimos exacerbados ao redor da figura do santo. Este método se dá em 5 etapas (apresentaremos apenas as 4 primeiras, vez que a última se destina ao objetivo formativo de docentes em salesianidade):

**1º Histórico:** se propõe descobrir a verdade dos fatos e o sentido dos acontecimentos. Contextualiza estes acontecimentos na sua realidade política, social, econômica e religiosa. Busca suas informações em documentos existentes e que, portanto as sustentam. Utiliza a pergunta: o que aconteceu? Como foi?

**2º Genético:** é o aspecto metodológico que busca a origem, as causas e fatos que influenciaram os acontecimentos históricos, os explicam. Utiliza a pergunta: por quê? para quê?

**3º Processual:** é o aspecto do método que estuda a sequência e os processos dos acontecimentos da vida. Acentua o aspecto diacrônico, ou seja, a sequência lógica dos acontecimentos. A pergunta que se faz é: como as coisas aconteceram?

**4º Religioso-teológico:** momento do método que estuda as expressões religiosas e os valores transcendentais que caracterizam a vida de Dom Bosco.

## UNIDADE 1 – SÉCULO XIX: O MUNDO EM TRANSFORMAÇÕES

O objetivo desta unidade é apresentar o enquadramento histórico, político e religioso da vida de Dom Bosco. Isto se torna necessário porque só é possível entender Dom Bosco dentro dos complexos e vertiginosos acontecimentos de sua época. Perceber que tudo repercutiu fortemente nas suas possibilidades de trabalho e de estudo e que todo esse contexto lhe permitiu, aos poucos, ir encontrando respostas adequadas à sua própria realidade e à realidade dos jovens com os quais se encontra.

### 1.1 Quem é Dom Bosco

Dom Bosco nasceu em 1815, nos campos do Piemonte, Itália. Graças à intuição e ao apoio incondicional de sua mãe, se aventurou no caminho sacerdotal, não obstante as grandes limitações financeiras de sua família, as crises sociais e econômicas.

Trabalhando e estudando, completou todas as etapas de sua formação. Em 05 de junho de 1841, aos 26 anos, é ordenado sacerdote. A experiência mais desafiadora do novo sacerdote aconteceu na cidade de Turim, que contava, nesse momento, com 136.000 habitantes.



Fonte: <http://migre.me/r20vo>

Ali acontecia um forte desenvolvimento manufatureiro. Decide trabalhar inteiramente e intensamente em defesa dos jovens pobres e abandonados, particularmente dos pequenos emigrantes da zona rural, vitimados e explorados pela crescente Revolução Industrial.

Por causa deles multiplica suas iniciativas, tratando de adequar-se às suas necessidades fundamentais: visita os cárceres, os canteiros de obras, as periferias e, principalmente, as ruas. Nestes lugares se encontravam os jovens. Pensando neles, iniciou

o trabalho do oratório, um espaço de educação, de evangelização, de aprendizagem criativa. Lugar de recreação e acolhida. Ali eles tinham uma casa, uma capacitação humana e espiritual que os preparava para inserir-se no mundo do trabalho e, sobretudo, os preparava para a vida.

Mais adiante, quando chega a etapa da industrialização italiana, a partir de 1870, suas oficinas de arte e de ofício se transformam em escolas profissionais, e a formação técnica, intelectual, moral e religiosa dos seus educandos adquirirá um nível superior que lhes permitirá serem bons profissionais nas empresas e gestores de seus próprios negócios, competir no mundo profissional e dialogar sobre seus deveres e direitos de cidadãos em uma sociedade civil, de caráter mais democrático, uma vez superado o absolutismo monárquico que havia caracterizado a Europa.

A índole de sua pedagogia, portadora de valores humanos fundamentais, produziu frutos em muitos lugares. Ganhou o mundo através das missões. Cresceu de modo admirável com a ramificação da Família Salesiana. Dom Bosco morreu em 31 de janeiro de 1888, aos 72 anos, em Turim. A Igreja, reconhecendo a sua santidade de vida, o elevou à honra dos altares em 1 de abril de 1934. Foi aclamado pelo Papa João Paulo II como o “Pai e Mestre da Juventude”.

## **1.2 Cenário histórico e geográfico da vida de Dom Bosco**

Dom Bosco é um homem enraizado profundamente no seu povo, na sua terra e no seu tempo. Não pode ser estudado senão dentro dos complexos acontecimentos históricos de sua época. Por isso entendemos que é necessário percorrer, ainda que rapidamente, alguns cenários históricos onde se possam conhecer os movimentos políticos, econômicos e sociais que repercutiram significativamente em Dom Bosco.

### **1.2.1 Do Antigo Regime ao Congresso de Viena**

A Europa do século XIX viveu o confronto de três grandes correntes ideológicas: o absolutismo, ligado aos privilégios da nobreza, que inspira as tentativas de voltar ao passado (antes da Revolução Francesa); o liberalismo, ligado aos interesses da burguesia, e que estimula a tentativa de derrubar regimes absolutistas, implantando políticas capitalistas; e as ideias socialistas, ligadas à classe operária, lutando por melhores condições de vida. Três ingredientes que engrossaram o caldo cultural, político, religioso e social do velho continente. Vejamos cada um deles, rapidamente.

O **absolutismo** foi o sistema político e social que vigorou na Europa do século XVI ao XVIII. A figura que resume toda a realidade do absolutismo era o rei. Ele era o absoluto: representava todos os interesses da nação. Baixava leis, organizava a justiça, arrendava impostos, mantinha o exército, nomeava funcionários. Instigava guerras para conquistas de territórios e riquezas, em nome do amor à pátria. No período das grandes navegações e descobertas acirrava a concorrência comercial com outros países e investiu pesado nos novos mercados coloniais. Isto tudo desembocou no **mercantilismo**.

A busca de metais preciosos (para fabricação de moedas), matérias-primas e a troca de produtos chamou-se **mercantilismo**.

O rei tinha o apoio do clero católico que justificou, de modo quase dogmático, a sua origem divina (rei pela vontade de Deus). Esta união gerou muitos privilégios para a Igreja, mas também custou caro, já que o rei julgava receber de Deus uma verdadeira missão eclesial, por isso controlava e determinava as ações da igreja. De modo geral, o rei protegia também a burguesia, dando-lhes o monopólio comercial e industrial.

A partir do século XVII, as modificações sociais e econômicas que começaram a acontecer na Europa Ocidental fragmentaram o regime absolutista. O pensamento iluminista ofereceu sustentação ideológica e o **pensamento liberal** fomentou mudanças na forma da economia e na lógica do homem como ser econômico e social. A culminância de tudo é a Revolução Francesa, pondo fim ao absolutismo. Sempre lembrando que a sociedade do absolutismo tinha três distintas classes sociais: O Primeiro Estado, representado pelo clero (bispos, abades, padres, frades e monges); o Segundo Estado, representado pela nobreza e a família real; e o Terceiro Estado, que representava a burguesia, os camponeses, ou seja, o restante da população e os trabalhadores urbanos.

<b>Os reis do tempo de Dom Bosco</b>		Foram todos muito católicos e aliados da Igreja. Eram da Casa Savoia e governavam a Sardenha (que incluía o norte da Itália), região do Piemonte.
Vítor Manuel I		Vítor Manuel I: governou de 1802 até 1821. Aboliu todas as leis do período napoleônico e restituiu os privilégios aos nobres, clero e exército. Durante este reinado, João Bosco vivia a infância nos Becchi.
Carlos Félix I		Carlos Félix: seu reinado foi de 1821 a 1831. Corresponde a toda a vida de adolescência e juventude de João Bosco, dos Becchi até sua chegada a Chieri. Promulgou, em 1822, a lei de educação que permitirá a João Bosco realizar seus primeiros estudos na paróquia de Capriglio.
Carlos Alberto I		Carlos Alberto: governou de 1831 a 1849. Muito devoto e religioso. Dom Bosco o amava e este, por sua vez, defendia o Oratório de Dom Bosco diante de problemas e perseguições de natureza legal, política e religiosa. Sob seu governo Dom Bosco realizou todos os estudos em Chieri, viveu seus primeiros 9 anos de padre e fundou o Oratório.
Vítor Emanuel II		Vítor Emanuel II: seu reinado foi de 1849 a 1878. Durante seu reinado Dom Bosco realizou o período mais intenso de seu apostolado em Turim, fundou a Congregação Salesiana e organizou as missões.

Fonte: Elaboração própria

**A Revolução Francesa**, como dissemos, foi o marco da queda do Antigo Regime. Iniciada em 1789, acabou com a divisão em estados na sociedade e propagando os ideais democráticos e liberais com o lema: liberdade, igualdade e fraternidade.

O epicentro de toda a agitação política e social foi a França. Daí se espalhou por todo o continente europeu. O absolutismo entrou em colapso. O rei Luís XVI foi decapitado. Os privilégios da nobreza, do clero, não resistiram aos ataques de grupos políticos com ideais iluministas e liberais, às massas enfurecidas nas ruas e aos camponeses revoltados.

Entre os acontecimentos mais significativos ocorridos na França neste período estão: a tomada da Bastilha, prisão construída como uma fortaleza, que representava o poder do regime monárquico, que foi invadida pelo povo, libertaram os prisioneiros (já motivados pelos direitos do homem e do cidadão) e



posteriormente a destruíram); a aprovação da declaração dos direitos do homem e do cidadão; o reino do terror, instaurado pelos jacobinos (1793 a 1794) onde foram mortas pelo menos 40 mil pessoas.

Os reis dos demais países europeus se sentiram ameaçados e declararam guerra à França e à sua revolução. Neste período de guerra surge, do exército francês, um jovem militar que aos 24 anos já era general: Napoleão Bonaparte.

**Napoleão Bonaparte** nasceu em Ajaccio, Córsega, no ano de 1769. Aos 10 anos, foi enviado para a França, a fim de estudar em uma escola militar. Muito ligado à carreira militar, Bonaparte ascendeu logo ao posto de tenente da artilharia do exército francês. Aos 27 anos se tornou general, liderando as tropas que lutaram e venceram contra os italianos e os austríacos.



Fonte: <http://migre.me/vKDrR>

Na França, foi o responsável por uma intensa reforma na política, que o manteve no poder por 15 anos. Em 1799 aplicou o que ficou conhecido como “o Golpe 18 de Brumário”, derrubando os governantes do país e dando início um novo período na história francesa: a Era Napoleônica.

Foi em 1804 que Napoleão se tornou imperador, centralizando todo o poder em suas mãos. Foi responsável, nesse período, pela reformulação da forma de governo e pela implementação de novas leis. Estabeleceu um acordo com a Santa Sé (1801) para restaurar as relações com a Igreja, rompidas durante a revolução. Em 1804 promulgou o código Napoleônico com estes princípios:

- supressão dos privilégios da nobreza;
- defesa da liberdade e dos direitos das pessoas;
- igualdade de todos perante a lei.

### 1.2.2 O rastro de Napoleão na Itália

As mudanças trazidas por Napoleão estavam destinadas a mudar para sempre a face da Europa ocidental, de um modo muito particular na Itália, terra de Dom Bosco. Durante seu governo a Itália foi dividida, saqueada e transformada. Perderam-se milhares de vidas. Os impostos eram pesados. O pontífice (Pio VII) foi

totalmente ignorado. Houve também conquistas representadas pelos papéis desempenhados por administradores e novos sistemas de contabilidade, melhorias urbanas, construção de escolas, estímulo à agricultura e à indústria. Aboliu-se o uso da tortura, criou-se o código civil (leis civis) que promoveram ordem e unidade legal. Além de uma extensa rede de estradas que viabilizaram comunicação e comércio.

Desde o início da Revolução Francesa, existia o desejo de se romper com a Igreja (representado pelo desejo de rompimento com o “regime antigo”. Napoleão deu prosseguimento a tudo isto de forma radical. Aboliu o calendário cristão na França e, em 1793, como tentativa de banir o cristianismo, estabeleceu como divindade, para ser adorada, a “deusa razão”.

### **1.2.3 Congresso de Viena: tentativa de voltar ao antigo regime**

Napoleão é derrotado em 1812 quando atacou a Rússia. Seus soldados capitularam, não diante do inimigo, mas diante do rigoroso inverno. Seus soldados morreram de frio e fome.

Com essa derrota, Napoleão teve que se exilar na Ilha de Elba. Porém, retornou à França, retomou o poder e iniciou o governo chamado de “Governo de cem dias”, que foi interrompido com uma nova derrota de seu exército para os ingleses, na famosa Batalha de Waterloo. Napoleão voltou para o exílio, dessa vez na Ilha de Santa Helena. Ali morreu, em 5 de maio de 1821.

Foi quando então se realizou o “Congresso de Viena”, conferência diplomática, ocorrida na cidade de Viena (capital da Áustria) entre setembro de 1814 e junho de 1815. Contou com a participação de representantes das grandes potências europeias, que haviam vencido a França de Napoleão em 1814. Objetivos do Congresso de Viena foram os seguintes:

- Redação e estabelecimento das condições de paz na Europa, após a derrota de Napoleão.
- Redefinição do mapa político europeu, que havia sido modificado nas conquistas de Napoleão Bonaparte.
- Combate aos ideais políticos liberais e aos movimentos democráticos e emancipacionistas que ganhavam força na Europa sob a inspiração da Revolução Francesa.

- Restauração ou permanência das monarquias absolutistas em grande parte das nações europeias, voltando ao antigo regime (Ancien Regime).

### 1.3 A Restauração na Itália

As decisões do Congresso de Viena atingiram em cheio a península italiana, com seus quase 20 milhões de habitantes, transformando-se em um mosaico de 10 estados regionais, divididos entre os vencedores das guerras napoleônicas. Um destes 10 estados, o Reino da Sardenha, onde nasce João Bosco, foi formado pelo Piemonte (ao norte), Saboia, Nice, Sardenha e Ligúria, ficando sob o domínio do rei Vitor Emanuel I, da Casa de Saboia.

#### 1.3.1 A resposta dos italianos: Ressurgimento (1831-1848)

A dominação estrangeira na Itália não era aceita de forma alguma pelos italianos, mesmo que a Áustria (país católico e que defendia o papado) tivesse o apoio da Igreja. Queriam “*a Itália para os italianos*”. O Movimento Liberal e a república constituíram expressões das mais fortes manifestações do Ressurgimento (ressurgir da nação), que pretendia a unificação italiana, o fim do regime absolutista e da dominação estrangeira. Assim:

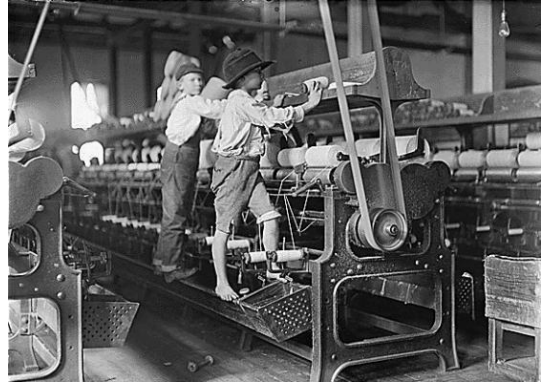
- **a Política liberal:** era a atitude de quem defendia o fim do Regime absolutista, opondo-se à origem divina da realeza.

- **a República:** consistia no sistema político que acabava com a monarquia. Propunha a união de todos os estados italianos (república federativa), presidida pelo Papa ou pelo rei do Piemonte.

Dom Bosco nasceu e cresceu no Piemonte e recebeu toda a sua educação e formação no período da Restauração. Aos poucos foi se dando conta do clima político e belicoso do ressurgimento. Verá também, principalmente nos seus estudos seminarísticos, a força trazida pelas ideias da Revolução Liberal. Em meio a tantas transformações, ele desenvolverá a arte do equilíbrio, sabendo compreender a nova ordem social, ao mesmo tempo que, como piemontês da “antiga ordem” permanecerá sempre leal à Igreja, ao Papa e ao rei.

### 1.3.2 A Revolução Industrial

Antes, durante e depois da vida de Dom Bosco, este acontecimento foi sempre uma realidade significativa. Era uma referência constante para as tomadas de decisões políticas, para norteamentos da realidade educacional, para os rumos eclesiais. Ou seja, o mundo, e isto não é difícil de imaginar, caminha conforme os interesses de uma classe dominante, dona do capital e dos meios de produção.



Fonte: <http://migre.me/r215J>

A Revolução Industrial foi um conjunto de mudanças que aconteceram na Europa nos séculos XVIII e XIX (1750 e 1800). A principal particularidade dessa revolução foi a substituição do trabalho artesanal pelo assalariado, com o uso das máquinas. Da produção manual e da roda movida pela água, se passa para a máquina, que se movimenta cada vez mais rápido e com maior precisão. Até o final do século XVIII a maioria da população europeia vivia no campo e produzia o que consumia. De maneira artesanal o produtor dominava todo o processo produtivo.

A classe burguesa é dona do capital, das máquinas e do comércio. Isto faz surgir a classe proletária (o operariado) explorada como mão de obra. Tudo estava sujeito às leis da produção e do mercado. Esta tentativa de produzir cada vez mais e com menor custo deu origem a uma terrível desumanização do trabalho. O operário recebia um salário de fome para trabalhar até 16 horas, diariamente, incluindo nesta servidão as suas esposas e filhos. Foi o estopim de muitos problemas sociais.

Os primeiros trinta anos de vida de Dom Bosco (1815-1845) se deram justamente neste emaranhado de ideias, tendências, movimentos. Somam-se a todo este clima a realidade familiar, extremamente significativa para se compreender como desabrocharam e frutificaram os germes que lhe formaram a mente, o coração, o caráter.

<b>Os papas dos tempos de Dom Bosco</b>		
<b>Pio VII</b>		Governou a Igreja de 1800 a 1823. É o Papa do período da Restauração. Teve terríveis conflitos com Napoleão, chegando a excomungá-lo. Seu pontificado corresponde ao período do nascimento de Dom Bosco até sua Primeira Comunhão, aos 10 anos de idade.
<b>Leão XII</b>		Seu pontificado foi até 1829. Buscou restaurar a religião combatendo o liberalismo. Seu pontificado corresponde ao período da infância e adolescência de Dom Bosco (dos 11 aos 16 anos).
<b>Pio VIII</b>		De 1829 a 1831. Muito enfermo, teve breve pontificado. Proclamou um jubileu de conversão e reconciliação. Foi durante as pregações deste jubileu que João Bosco conheceu o Pe. João Calosso, em Butigliera e também iniciava os estudos (ginasial) na escola pública de Chieri.
<b>Gregório XVI</b>		De 1831 a 1846. Lutou ferrenhamente para manter os direitos da Igreja diante da sociedade liberal. Publicou a encíclica Mirari vos. Sob seu pontificado João Bosco realiza todos os estudos em ginasiais e seminarísticos, recebe as ordens sagradas e inicia as atividades oratorianas em Turim.
<b>Pio IX</b>		De 1846 a 1878. Teve a delicada tarefa de administrar a Igreja em períodos de conflitos armados entre países vizinhos, administrando principalmente o conflito entre Itália e Áustria. É o Papa de Dom Bosco. Sob seu pontificado Dom Bosco organiza toda a obra do Oratório e funda a Congregação Salesiana.
<b>Leão XIII, O.F.S.</b>		De 1878 a 1903. Estabelece o diálogo com o mundo moderno, principalmente através da Rerum Novarum (1891). Encarregou a Dom Bosco a construção do Templo dedicado ao Sagrado Coração em Roma. Sob seu pontificado aconteceu a expansão da obra salesiana na Europa e na América.

Fonte: Elaboração própria

## Exercício 1

**1. Analise cada um dos enunciados a seguir e indique se são Verdadeiros (V) ou Falsos (F):**

**1.1 Napoleão Bonaparte, ao abolir o absolutismo, contribuiu grandemente com os interesses da Igreja.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**1.2 O século XIX, nos anos em que viveu Dom Bosco, se caracterizou por três grandes correntes: o absolutismo, o liberalismo e o socialismo.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**1.3 As ideias que ofereceram sustentação ideológica para a derrubada do absolutismo nasceram e se desenvolveram dentro da Igreja.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**1.4 Vitor Manuel I foi o rei sob cujo governo Dom Bosco, em 1841, se tornou padre, em Turim.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**1.5 Napoleão Bonaparte impôs suas mudanças, mas, como imperador católico, sempre respeitou a Igreja e o pontífice.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**1.6 Enquanto nos Becchi João Bosco vivia sua infância e adolescência, Pio VII em Roma, exercia seu pontificado combatendo as políticas napoleônicas.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**2. Indique a alternativa INCORRETA:**

- a) O pontífice que mais contribuiu com Dom Bosco, o “Papa de Dom Bosco” foi Pio IX. Sob seu pontificado aconteceu a fundação da Congregação Salesiana.
- b) A Revolução Industrial se caracterizou pela produção artesanal em alta escala.
- c) A Áustria, embora sendo país católico e defensor do papado, era tido como país inimigo pelo povo italiano.
- d) O Estado onde viveu Dom Bosco, ficava ao sul da Itália, na região da Calábria.

---

## UNIDADE 2 – O GERMINAR DA SEMENTE

O objetivo desta unidade é apresentar os acontecimentos referentes à infância e juventude de Dom Bosco que, em termos estudantis, coincidem com o período das séries iniciais até a sua entrada no seminário. Devido à objetividade e brevidade do conteúdo desta disciplina, não nos ateremos a uma sequência histórica exaustiva mas, antes, a uma ordem lógica dos acontecimentos suficientes para se captar aspectos essenciais da vida e da pedagogia de Dom Bosco. Suficientes para se compreender sua evolução vocacional, bem como conhecer as diferentes situações de estudo, trabalho e relacionamentos que o capacitaram para sua futura missão.

### 2.1 Realidade familiar

Nos Becchi, município de Castelnuovo d'Ásti, da grande região do Piemonte (ao pé do monte), no dia 16 de agosto de 1815, nasce João Bosco. Filho de Francisco Luís e Margarida Occhiena. Eram camponeses, arrendatários ou meieiros (as terras eram do Senhor Biglione, que vivia em Turim), como tal, metade do que produziam era do proprietário. O trabalho no campo era árduo e os cultivos, muitas vezes estavam sujeitos aos maus tempos: seca, chuva, neve. Os principais cultivos eram uva, milho, trigo e feno. Ao resumir o teor de vida da família de João Bosco, assim se expressou Dal Covolo (2008, p. 15): “[...] trabalhavam duro e rezavam com plena confiança na Providência [...]”.

Acontecimento marcante deste período da infância, narrado pelo próprio Dom Bosco em suas “Memórias do Oratório”<sup>1</sup>, se refere à morte de seu pai, Francisco, aos 33 anos de idade. João, sequer havia completado os dois anos de idade:

Lembro apenas, e é o primeiro fato de minha vida que guardo na memória, que todos saíam do quarto do falecido e eu queria ficar lá a todo custo.

---

<sup>1</sup> Dom Bosco é autor e protagonista dos fatos e acontecimentos ali narrados, referentes aos primeiros 40 anos de sua vida (1815-1845). Relata episódios e circunstâncias que tiveram particular significado para o desenvolvimento da missão que Deus lhe confiou entre os jovens pobres e abandonados.

- Vem João, vem comigo, insistia minha aflita mãe. Já não tens mais pai.

Eu chorava porque a via chorar. Naquela idade não podia compreender a grande desgraça que é a perda de um pai. (MO, 25).

Depois deste trágico acontecimento, ainda com as narrativas do próprio Dom Bosco, nas *Memórias do Oratório*, segue uma listagem de situações de pobreza e dificuldades. Destaca a grande estiagem e carestia que assolou toda a região nos anos de 1816-1818 (MO, 25-26). Encontraram-se pessoas mortas pelas estradas com a boca cheia de capim. Dom Bosco escreve:

Mamãe contou-me várias vezes que alimentou a família enquanto pôde. Depois deu dinheiro a um vizinho chamado Bernardo Cavallo, para que fosse à procura de comestíveis. O amigo percorreu diversos mercados e nada encontrou, mesmo a preços exorbitantes. Voltou dias depois, pelo anoitecer, ansiosamente esperado por todos. Quando comunicou que só trazia o dinheiro de volta o medo se apoderou de todos porque como se haviam alimentado mal nesse dia, eram de temer as funestas consequências da fome naquela noite (MO, 25-26).

## 2.2 Um pouco de Mamãe Margarida

Neste contexto de pobreza e dificuldades ganha notoriedade a personalidade firme e decidida de sua mãe, Margarida Occhiena. Soube administrar, não sem grandes penúrias, este terrível período. Recusou a oferta de um novo e financeiramente vantajoso casamento que não incluía os filhos, que seriam confiados a um bom tutor, que haveria de cuidar bem deles. *“Não os abandonarei jamais, ainda que me oferecessem todo o ouro do mundo”* (MO, 4). Neste momento estão em casa:



Fonte: <http://migre.me/r7xR8>

- Margarida Occhiena (a mãe - 29 anos).
- Margarida Zucca (avó paterna – 64 anos).
- Antônio José (9 anos, filho do primeiro casamento de Francisco).
- José Luis (4 anos).



- João Bosco (2 anos).

Os três irmãos não podiam ser mais diferentes um do outro. João era vivo, espontâneo, imaginativo, empreendedor, com enorme desejo de descobrir e aprender, tinha espírito de liderança. José era mais propenso a se deixar guiar, embora caprichoso e cabeçudo, às vezes, em geral, educado, de boas maneiras, de disposição paciente e retraído. Por contraste, Antônio parece ter sido sempre um problema. Com a morte do pai sentiu-se (como o filho mais velho) na obrigação de tomar os cuidados da casa (LENTI, 2012, p.161). Conforme foi crescendo, foi também, cada vez mais, assumindo para si esta tarefa de cuidar da família, desenvolveu visão muito prática do trabalho para a sobrevivência. Dentro desta lógica, criou sérios conflitos com João que alimentava o gosto pelos estudos.

Segundo Dal Covolo (2008), Mamã Margarida educou seus filhos para a vida simples, sem nenhum luxo. Ensinou “as grandes virtudes do humanismo piemontês daquele tempo: o sentido do dever e do trabalho, a coragem na vida dura de cada dia, a franqueza e a honestidade, o bom humor. Amou-os profundamente sem nunca sufocá-los com beijos e carícias. Eles aprenderam a respeitar os mais velhos e a serem disponíveis para o serviço ao próximo (*apud* CASTRO, 2015, p. 39).

Os três filhos foram muito bem educados, pois Mamã Margarida não queria, a todo custo, que a correção provocasse raiva, desconfiança ou desamor. Seu ideal era induzir os filhos a fazer tudo por amor ou para agradar a Deus. Desses gestos brotaram expressões do sistema educativo de João Bosco: *educação é coisa do coração!*” (DAL COVOLO, 2008, p. 14, *apud* CASTRO, 2015, 20).

Ajudou-os a suportar a penúria e a mortificação: despesas extremamente simples, colchões de palha e que não deixavam dormir muito. Ensinou-lhes o trabalho e a caridade. Esforçou-se principalmente por ensinar-lhes a doutrina cristã, educá-los à obediência e confiar-lhes trabalhos compatíveis com a idade. “*Quando eu era pequenino, ela mesma me ensinou as orações; de manhã e de noite, rezávamos juntos as orações e o terço*”. (MO, 27).

Embora analfabeta, ensinou pessoalmente o catecismo e a história sagrada para seus filhos. Ouvia as pregações e frequentava aulas de catequese, juntamente com outras senhoras, oferecidas pelo pároco local. Sabia quão poderosa é a força da educação cristã e por isso imprimiu na mente de seus filhos a ideia de um Deus pessoal, sempre presente. A presença constante e pessoal de Deus seria uma convicção profunda em Dom Bosco: Deus é um pai, amoroso e providente.

Mamãe Margarida era reconhecidamente exigente e tradicional. Tudo era temperado com o apelo constante à razão e à religião, com grande número de gestos de afeto e carinho. O seu sucesso diante dos filhos se dava especialmente pela força do seu exemplo. Era a primeira a viver intensamente a vida sacramental, a dedicar-se ao trabalho - mesmo aqueles reservados aos homens - e a dar atenção às pessoas necessitadas.



Fonte: <http://migre.me/r20r7>

Mamãe Margarida tem importância definitiva na formação da personalidade de João. A virtude da mãe explica as virtudes do filho. Tem uma importância fundamental na vida vocacional de João, orientando-o na infância, sendo para ele mãe e pai; acompanhando-o no difícil período da formação escolar e auxiliando-o no trabalho educativo, no Oratório de Valdocco. Juan Villa, que deu seu testemunho no processo de beatificação de Dom Bosco em 1894, quando tinha 55 anos, disse sob juramento:

Conheci a mãe de Dom Bosco, que os meninos do oratório chamávamos Mamãe Margarida. Era tipicamente uma mulher do campo, bondosa e de espírito verdadeiramente cristão. No oratório era realmente uma mãe e nós tínhamos nela uma confiança filial. (STELLA, 1980, p. 499).

Não será difícil perceber nos fundamentos do sistema educativo que Dom Bosco desenvolveu em Valdocco com seus jovens valores fundamentais plantados por Mamãe Margarida: a fé, a caridade, a opção pelo bem e pelo justo, a vida de pobreza e o amor às coisas de Deus.

Ao perceber que João tinha vocação para o sacerdócio, lutou com todos os meios que estavam ao seu alcance para possibilitar-lhe os estudos. Era precisamente no estudo que estava a chave para um futuro, diferente daquele de seus irmãos, Antônio, que comprometido totalmente com o trabalho no campo, pensava no pão de cada dia e na sobrevivência. Ela estava ciente de que somente o estudo abriria caminho para o sacerdócio.

## 2.3 Realizando sonhos

Além da presença materna e firme da mãe, e do seu tio Miguel (sempre prestativo e atencioso), outras pessoas cruzaram o caminho de João deixando preciosas contribuições e experiências que tanto para o momento vivido quanto para o futuro, seriam para sempre inspiradoras e orientadoras.

Assim, enquanto a Itália se recuperava do golpe napoleônico sob os ruidosos barulhos da restauração, o rei Carlos Félix promulgava uma lei educacional, em 1822<sup>2</sup>, que favorecerá o pequeno João, agora com 9 anos, realizar seus primeiros estudos.

O desejo e o talento de João pelos estudos, como já mencionamos, era notório. Quando tinha 9 anos sua mãe quis enviá-lo à escola. O irmão Antônio foi contra. Considerava-se o “homem da casa” e alimentava um único propósito: trabalhar para sobreviver. Enxergava em João uma mão de obra indispensável, e estudar, numa situação daquela, seria um luxo. Estes tempos são marcantes pela experiência da adversidade e do autoritarismo, da repressão (para utilizar uma palavra mais comum àqueles tempos). Antônio o proibia de estudar, obrigava-o a trabalhar no campo e até o agredia fisicamente.

Com a frequência e acirramento dos conflitos, foi necessária uma solução, ainda que provisória: estudar, durante o inverno, no povoado mais próximo, Capriglio, onde morava a tia Mariana. Mas isto somente porque no período do inverno era praticamente impossível de se trabalhar no campo devido às baixíssimas temperaturas. João guardou lembranças desta experiência: “Meu professor era um sacerdote muito piedoso que se chamava José Lacqua. Foi muito amável comigo e teve muito interesse pela minha instrução (ler e escrever) e sobretudo a educação cristã” (MO 6).

Na primavera e verão João retorna ao trabalho no campo, junto com Antônio, José e a Mãe. Já neste tempo manifestou para seus companheiros o desejo de ser padre. Mal sabia ele que um sonho profético viria alimentar ainda mais esta “ilusão”, vez que estudar para ser padre era algo muito caro. Margarida sabia disso e Antônio, com todo o seu realismo, dizia que isso era coisa de “burguês”. Um pouco mais tarde, 1830, essas desavenças com o irmão serão resolvidas definitivamente com a divisão dos bens entre Margarida e o filho Antônio. Mas, como dissemos,

---

<sup>2</sup> A lei estabelecia a gratuidade do ensino primário.

João teve um sonho que encheu sua alma de inquietação e que, sem dúvida, foi um permanente norteador de suas escolhas futuras, principalmente no campo pastoral e educativo. Ele mesmo narra este sonho:

Naquela idade tive um sonho, que me ficou profundamente gravado na mente por toda a vida. Parecia-me estar ao pé de casa num pátio bastante espaçoso, onde se encontrava uma multidão de rapazes, que se divertiam. Alguns riam, outros jogavam, outros blasfemavam. Ao ouvir aquelas blasfêmias, lancei-me imediatamente no meio deles dando murros e dizendo palavras para os fazer calar. Naquele momento apareceu um homem venerando, em idade viril, nobremente vestido. Um manto branco cobria-o por completo; mas a sua face era tão luminosa, que eu não conseguia fixá-lo com os olhos. Chamou-me pelo nome e mandou-me pôr-me à frente daqueles rapazes acrescentando estas palavras: "Não com pancadas, mas com a mansidão e com a caridade é que deverás conquistar estes teus amigos. Por isso começa imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e sobre a beleza da virtude". Confuso e assustado, disse que eu era um pobre e ignorante rapaz, incapaz de falar de religião àqueles juvenzinhos. Naquele momento, aqueles rapazes cessando rixas, alaridos e blasfêmias, reuniram-se todos à volta d'Aquele que falava. Quase sem saber o que dizia, "Quem sois vós, – perguntei –, que me ordenais coisas impossíveis?". "Exatamente por te parecerem impossíveis, debes torná-las possíveis com a obediência e com a aquisição da ciência". "Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?". "Dar-te-ei a mestra sob cuja guia podes tornar-te sábio, e sem a qual toda a sabedoria se torna estultícia".

– Mas quem sois vós, que falais deste modo?

– Eu sou o filho d'Aquela que a tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.

– A minha mãe diz-me que não ande com pessoas que não conheço, sem licença sua; por isso disse-me o vosso nome.

– O meu nome pergunta-o à minha mãe.

Naquele momento vi a seu lado uma senhora de majestoso aspecto, vestindo um manto todo resplandecente, como se cada ponto seu fosse uma estrela fulgidíssima. Vendo-me cada vez mais confuso nas minhas perguntas e respostas, fez-me sinal para me aproximar dela e, tomando-me com bondade pela mão, disse-me: "olha". Olhando dei-me conta que os rapazes tinham fugido todos e, em vez deles, vi uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e vários outros animais. "Eis o teu campo, eis onde debes trabalhar. Torna-te humilde, forte e robusto; e aquilo que neste momento vês suceder com estes animais, deverás fazê-lo com os meus filhos".

Voltei então o olhar e eis que, em vez de animais ferozes, apareceram outros tantos mansos cordeiros que, todos a saltitar, corriam ao redor como para fazer festa àquele homem e àquela senhora. Naquele momento, sempre em sonho, comecei a chorar, e supliquei àquela personagem que falasse de modo que eu compreendesse, dado que eu não sabia o significado daquilo. Então ela colocou a mão na minha cabeça, dizendo-me: "A seu tempo, tudo compreenderás". Dito isto, um ruído acordou-me e tudo desapareceu. Fiquei atônito. Parecia-me ter as mãos doridas dos

murros que tinha dado, e a cara a doer das bofetadas recebidas; depois aquele personagem, aquela senhora, as coisas ditas e ouvidas ocuparam--me de tal maneira a mente, que naquela noite não me foi possível voltar a adormecer. De manhã, apressei-me a narrar cuidadosamente aquele sonho, primeiro aos meus irmãos, que se puseram a rir, depois à minha mãe e à avó. Cada qual dava ao mesmo a sua interpretação. O meu irmão José dizia: "Vais ser pastor de cabras, de ovelhas ou de outros animais". A minha mãe: "Quem sabe se não serás padre". Antônio com dureza: "Talvez virás a ser chefe de bandidos". Mas a avó, que sabia bastante teologia e era totalmente analfabeta, deu a sentença definitiva dizendo: "Não se deve ligar a sonhos". Eu era da opinião da minha avó, mas nunca mais me foi possível tirar aquele sonho da cabeça. O que passarei a expor de seguida dará algum significado a isto. Sempre calei tudo; os meus familiares não ligaram. (PERAZA, 1982, p.18-21).



Fonte: <http://migre.me/vRprn>

### **Podemos observar que, neste sonho<sup>3</sup>:**

- 1) São indicados a Dom Bosco o estilo e o método: “não com pancadas, mas, com a mansidão e com a bondade (amorevolezza). Procura logo instruí-los (razão) sobre a fealdade do pecado e sobre a beleza da virtude (religião).
- 2) São lhe indicados o campo da ação educativa – o pátio – e os destinatários: “uma multidão de meninos”.

## **2.4 Um encontro inesperado**

O período de infância, nos Becchi, foi profundamente significativo para João. Vivido na pobreza, é bem verdade, mas extremamente rico no sentido da assimilação de valores fundamentais que forjaram seu caráter. Enquanto aprendia com padre Lacqua a escrita e a leitura, aprofundava-se na cultura do povo simples de sua região, assimilando elementos que forjarão de modo sólido sua personalidade. Aprendeu as histórias, narrações e conversas que circulavam no meio camponês. Já nessa época era capaz de reunir vários garotos da sua idade e entretê-los com brincadeiras, jogos e histórias, manifestando espírito de liderança.

A convivência com a mãe, com a avó, com Antônio e José, a participação nos trabalhos agrícolas, o sucesso e os insucessos das colheitas, as esperanças e

<sup>3</sup> Cf. João Carlos Perini, 2012:33.

temores com os fenômenos meteorológicos e, ao mesmo tempo, a confiança na providência faziam parte do seu dia a dia. Ali aprendeu muito sobre perdas e ganhos. Assimilou profundamente as práticas religiosas, sentiu na pele a fome, viu doenças e epidemias que levaram vizinhos e amigos. Sobretudo, sentia, pela falta do pai, a orfandade.

Devido aos constantes e crescentes conflitos com Antônio, tornou-se necessária uma dura decisão: pedir para que João saísse de casa, recomendando que fosse morar com os Moglia (família de um sítio vizinho, amiga de Margarida), onde seria cuidador de ovelhas, de bois e limpador de curral. A atitude de Antônio foi objeto de longas reflexões para João Bosco. Amadureceu, certamente, a capacidade de lidar com as adversidades. Precisou exercitar o perdão e a compreensão. A seu tempo João e Antônio proporcionaram, principalmente aos familiares, a alegria da reconciliação. Ficou aí por dois anos.

Neste período teve um encontro inesperado com um velho sacerdote, Padre Calosso, de 70 anos, que veio para Murialdo, município vizinho, como capelão. Encontraram-se na estrada, quando voltavam de Buttigliera, onde aconteceram pregações missionárias. Naquele breve encontro, o padre Calosso ficou profundamente admirado com a inteligência, memória e vivacidade do menino. Principalmente porque, quando desafiado sobre o conteúdo da pregação, a relatou de modo completo e perfeito. Decidiu de imediato promover a educação de João. Com o consentimento da mãe e de Antônio, abrigou-o em sua casa (capela de Murialdo). Passou a ensinar-lhe latim, gramática italiana, gramática latina. Tão importante quanto estes estudos foi o fato de tê-lo iniciado na vida espiritual. João sentiu ali o bom pai de que precisava e desejava há muito tempo. Padre Calosso tinha experiência psicológica suficiente para compreender os problemas de João que, nessa idade se encontrava em meio à crise da adolescência. Dizia João:

O padre Calosso tornou-se um ídolo para mim. Queria-o mais que a um pai, rezava por ele. O homem de Deus afeiçoara-se tanto a mim que chegou a dizer-me por diversas vezes: “não te preocupes com o teu futuro. Enquanto eu estiver vivo, nada te faltará”. (MO, 45).

Nesta relação com Pe. Calosso se destaca:

- **Uma confiança total**, base de seu sistema educativo: “Me coloquei em suas mãos... me dei a conhecer como de fato era. Lhe manifestava com naturalidade meus desejos, pensamentos e ações” (MO, 10).
- **Maior segurança em si mesmo**, justamente porque se colocou sob a direção espiritual estável, experiente e segura de um verdadeiro amigo da alma:

Conheci o que significa ter um guia estável e amigo fiel da alma. Entre outras coisas me proibiu penitências que eu fazia, porque não eram proporcionais à minha idade e condições. Me estimulou a frequência à confissão e comunhão, à leitura espiritual e breves meditações. (MO, 10).

- **Um ideal sacerdotal**, concretizado naquele velho sacerdote tão dedicado ao atendimento pastoral da gente simples.

Para tristeza profunda de João, a experiência com D. Calosso foi breve, apenas um ano. Pe. Calosso morreu repentinamente. João será sempre consciente de que sua influência no seu modo de ser padre, de educar e de viver o evangelho, será por toda a vida.

#### Dica de aprofundamento

Leia o livro do Pe. Afonso de Castro: A alegria na espiritualidade de São João Bosco. Arte Brasil, 2015.

O texto ajuda a compreender todo o contexto da infância e adolescência, com riqueza de informações sobre os períodos formativos, dando ênfase às experiências vividas e que resultaram em um estilo de vida cujo fruto maior, para João Bosco, foi sempre a alegria.

## 2.5 Sinais de uma vocação

Há acontecimentos na vida de João que podem ser vistos como sinais de vocação ao sacerdócio. Com o aconselhamento de pessoas próximas, ele foi aos poucos se convencendo deste caminho. Um primeiro sinal, como vimos, foi o sonho aos 9 anos. Sonho este que viria a se repetir outras vezes. Depois, era notório neste período de infância e adolescência o fato de ser um líder.

**Reunia ao redor de si**, com grande capacidade de atração, crianças, jovens e adultos. Mas principalmente as crianças e os jovens. Fosse contando histórias ou fazendo malabarismos o começo e o final de cada encontro era marcado pelo sinal da cruz e por duas Ave-Marias. Dedicava-se, na medida do possível a entretê-los. Brincava e ensinava-lhes o catecismo. Tinha verdadeiro prestígio em meio aos camponeses.



Fonte: <http://migre.me/r25cb>

Tinha grande **gosto pelo estudo**. Lemoyne lembra que o estudo, naquele período, diferentemente de alfabetização (ler, escrever e contar) estava na maioria das vezes associado ao sacerdócio. Pe. Lácqua já tinha se dado conta disso e, com mais propriedade ainda, o Pe. Calosso. Lá nos Moglia, enquanto cuidava do rebanho, lia tudo o que podia e não se descuidava de participar, sempre que podia, da Santa Missa. Aprofundou-se nele, por influência principalmente da mãe, o sentido de Deus como pai e amigo. Sua preparação para a Primeira Comunhão foi prova de sua adesão definitiva à vida cristã. Nunca se esqueceu das palavras que a mãe lhe disse nesse dia: *“hoje Jesus tomou para sempre posse do seu coração”*.



Fonte: <http://migre.me/raVL6>

Neste tempo enraizou-se ainda mais o sentido de Deus através da oração, da contemplação, do silêncio. Saberá aprofundar esta experiência, no seu intenso trabalho pastoral, sendo contemplativo na ação, ou seja, a todo momento, em toda ação, em cada ser e realidade, transcender e perceber Deus.



## 2.6 Na escola pública

É significativa a primeira experiência de João na escola “pública” de Castelnuovo. Ali iniciou regularmente<sup>4</sup> os estudos que, por conta das dificuldades familiares não tinha iniciado até então. Na sala de aula era um grandão em meio aos pequenos (4 anos mais velho). Foi motivo de gozação. Conforme as Memórias Biográficas (Vol I. p. 198), é alvejado pelas palavras duras de um professor (padre) que o acusa de causar indisciplina e o ridiculariza por ser dos Becchi, chama-o de imbecil. Para João, o episódio é muito humilhante. (PERAZZA 2010, p.113).

Aparecem as propostas indecentes de gente que não presta: roubar, ir para os bares, participar de jogos de azar, etc. Encontrou padres arrogantes e orgulhosos, a respeito dos quais comentava com os amigos: *“se um dia me tornar padre quero ser diferente”* (MO.12). Na realidade tinha de tudo: gente boa e gente ruim. Era hora de colocar em prática os conselhos da mãe de não se deixar levar por más companhias, ganhar amigos e se acercar de pessoas boas. Veremos que a prevenção, na amplitude de suas sugestões, passa por este aspecto tão recomendado aos seus meninos: fugir das más companhias como o diabo foge da cruz. João será extremamente criterioso e seletivo. Aprende a cultivar amizades. *“Pude facilmente escolher um grupo de amigos que me queriam bem e me obedeciam como aqueles de Morialdo”*. (MO, 13).

Não obstante as dificuldades (que para João eram encaradas como desafios), pôde transbordar em toda a sua riqueza e potencialidade a própria personalidade. Existiam desafios, não frustrações: “gozou de uma especial euforia alimentada pelos sucessos nos estudos, pelo prestígio diante dos colegas que ele via estarem ao redor de sua pessoa” (CASTRO, 2015, p. 28).

A continuidade dos estudos se dá em Chieri. Iniciava-se um período rico em aprendizagens, tendo como pano de fundo o exercício constante do “tornar-se humilde e forte”, conforme as palavras do sonho dos 9 anos. O novo contexto trazia mudanças desconcertantes, tendo que passar do professor particular (Pe. Lácqua, Pe. Calosso) para a escola pública; do aglomerado de 3 a 5 casas para a cidade, onde tinha muito mais gente, comércio, barulho, competição. Primeiro em Sussambrino, cidadezinha pequena, e Castelnuovo. Depois, Chieri, bem mais longe

---

<sup>4</sup> Os estudos anteriores foram iniciativas particulares (com Padre Láquia, D. Calosso ou na escolinha de Butigliera) ligadas à alfabetização e ao catecismo.

e com quase 10.000 habitantes. Já era um centro industrial, dedicado à fabricação de tecidos.

Encontra-se com Juan Roberto que, além de alfaiate, toca violino e órgão, é mastro de canto. Tudo isto ensina para João. Este por sua vez se comporta como um bom empregado (na alfaiataria) e um excelente aprendiz da arte musical. Uma das coisas que mais chamará atenção na atividade educativa de Dom Bosco será justamente a música: banda, coral, canto solo e sacro. Ele próprio irá compor e ensinar belas melodias.

Chieri representa para João uma virada cultural. Tudo o que aí acontece tem profundas repercussões na vida do futuro sacerdote. Precisou trabalhar para se sustentar. Inicialmente, carregando água e lenha, estendendo roupa lavada e, principalmente, sendo cuidador e ajudante de estudos do filho da senhora Lúcia Matta, por dois anos. Cuida deste juvenzinho como se fosse um irmão: ensina-lhe a ler, escrever, brincar e rezar. Ensina-lhe o catecismo. Desenvolve aqui um senso muito grande de responsabilidade por uma vida que está sob seus cuidados.

O seu terceiro ano em Chieri será como garçom, no *café Pianta*. Sobre esta fase da vida, João resume tudo lembrando que “trabalhava duramente”. Aprendeu vários ofícios: pasteleiro, barman (no café), carpinteiro, ferreiro, costureiro, encadernador e escrivão. Vale lembrar que quando trabalhou no café, foi um período particularmente difícil porque o serviço avançava até altas horas da noite, todos os dias e o local onde dormia era extremamente desconfortável (embaixo de uma escadaria). Antes de dormir ainda se dedicava, sob a luz de vela, a ler e a aprofundar os conteúdos escolares. A providência saberá, oportunamente colocar todos estes aprendizados em prol dos jovens.

É significativo o fato de ir conduzindo com equilíbrio a própria vida quando constatamos que João, segundo Brocardo (1986), tinha um temperamento difícil. Diante destas adversidades, um momento de fragilidade colocaria tudo a perder. Dele se diz:

Não era, por natureza, paciente, manso e meigo. Era um menino mais para sério e um tanto taciturno, quase desconfiado; não concedia familiaridade aos estranhos, não permitia carícias, falava pouco. Era observador. No sonho dos 9 anos revela um temperamento impulsivo e até mesmo violento quando investe com ímpeto contra os blasfemadores, para fazê-los calar a socos. Tinha grande repugnância a obedecer, a submeter-se. Suas qualidades naturais o inclinavam naturalmente à soberba: energia da vontade,

inteligência superior, boa memória, vigor físico. Era pouco flexível e facilmente inflamável e teimoso (BROCARD, 1986, p.26)<sup>5</sup>.

Tal situação exige que qualquer ato de virtude só se torne possível mediante uma renúncia radical às próprias inclinações. Com este temperamento, não era nada simples ser moral, ético, na multiplicidade de propostas oferecidas na grande cidade. Um fio muito tênue separava o jovem virtuoso daquele que, caso cedesse às inclinações de sua própria natureza, enveredaria pelos caminhos da agressão e da violência. Por que uma pessoa com tal temperamento será conhecida pela mansidão, pela alegria, pela acolhida? Jerônimo Moretti, pioneiro da grafologia, reconhece no seu livro: "(...) é um líder, sem dúvida, que para fazer o bem precisa contradizer-se a si mesmo, ao máximo..." (BROCARD, 1986, p.27).

Assim, renunciando a si mesmo, estava nas pegadas de Jesus Cristo e aos poucos estava compreendendo a proposta de carregar a cruz. Experiências que nos permitem entender por que se torna tolerante com os fracos, pobres e humilhados. Que nos ajuda a compreender por que assume, na sua ação pastoral a figura do Bom Pastor, que vai à procura dos pequenos, dos humilhados.

#### Dica de aprofundamento

Para entender melhor o temperamento de João Bosco, leia:

**BROCARD, Pedro. Dom Bosco, profundamente homem, profundamente Santo.** São Paulo: Editora Salesiana, 1986.

## 2.7 Uma rede de amizades

João não tinha apenas vida escolar. Não era jovem apenas de casa, escola, igreja. Sua experiência de vida social era também intensa num mundo mais amplo do que o formado pelo ambiente doméstico dos Becchi. De fato, na cidade eram-lhe oferecidas muitas oportunidades de entrelaçar as mais variadas relações: sacerdotes e professores, adultos e jovens (BRAIDO, 2004, p. 132). Importa

<sup>5</sup> O autor apresenta uma sequência de testemunhos de pessoas que conviveram com João, alguns desde a infância. A sequência do texto foi adaptada.

apresentar algumas destas amizades que ajudaram a construir sua formação. Por que apresentá-las?

**Para evidenciar que:**

- Para (o futuro educador) João Bosco, a vida é um encontro significativo entre pessoas. Todas as suas conquistas espirituais, decisões, crescimento intelectual, foram mediadas pelo humano. O extraordinário de Deus se manifestou no ordinário do humano. As angústias que expressava de joelhos diante do altar, lhe eram respondidas sob o olhar e os gestos de um amigo. Por isso, sempre buscou conselhos, orientações de pessoas confiáveis. Sempre deu ouvidos à voz materna que ecoava no seu coração: (...) *acercar-se de boas companhias!*



Fonte: <http://migre.me/w23f6>

- O seu sistema educativo é construído, todo ele, a partir das relações humanas. É a estrutura mestra da ação educativa. O outro é o parâmetro para as próprias ações e conhecimento de si mesmo a respeito do ser justo, do ser solidário, de ter importância e significado dentro do contexto (funções), do discernir vocação e desenvolver talentos, de praticar virtudes. O outro possibilita avaliar e crescer.

Onde quer que estivesse procura formar um grupo de amigos. Foi assim em todas as idades em todos os lugares. Naturalmente começava por aqueles pelos quais sentia grande admiração e afinidade. Inicialmente na infância, o grupo estava mais para brincar, correr, contar histórias. Depois se percebia que se tratava de uma forma de viver e se relacionar de modo saudável. De aprofundar os estudos, de viver a religião e os bons costumes. Em outras palavras, um grupo de amigos, liderados por João, que se propunha a duas regras básicas: conduta moral e o cumprimento dos deveres escolares e religiosos.

Daqui surgem amizades profundas e para a toda a vida. Entre os realmente exemplares, já no primeiro ano, são recordados Guglielmo Carigliano (futuro sacerdote), Paolo Vittorio (de grande espírito de recolhimento e piedade), o judeu Jonas (perto dos 60 anos Dom Bosco recorda desta particular amizade), Luis Comollo (sobre este falaremos em seguida).

Um dos grupos formados na sua juventude foi a “sociedade da alegria”, que para fazer jus ao nome criava muitos entretenimentos: cantos, declamações, baralho, malha, perna de pau, bolinha, saltos, corridas, jogos diversos. João, de modo único, era o especialista em prestidigitação (mágicas) e malabarismos. Observa-se que não havia pietismo, nem devocionismo moralista, que poderiam tornar pesada a alegria da sociedade dos amigos. Exceção a este estilo é Luis Comollo que transitava admiravelmente entre o rigor acético e a alegria do grupo. Este grupo será para João modelo de relações não apenas em Chieri, mas principalmente em Turim, funcionando sempre como inspiração.



Fonte: <http://migre.me/r2Rnn>

João cultivava as boas amizades. Tinha por base algo muito simples: evitar as más companhias. Estava convencido de que o exemplo tem o poder de mil palavras. Observador que era, aproximava-se de pessoas de bem, ouvia seus conselhos e guardava seus exemplos. Da escola pública e do seminário foram muitos amigos que marcaram sua vida. Ele mesmo, nas Memórias do Oratório (14), fala um pouco de cada um deles:

- **Padre Plácido Valimberti:** me deu sempre muitos e bons conselhos para manter-me longe dos perigos. Me acompanhava na vida escolar.

- **Padre Valeriano Pugnetti:** mostrou-me, com palavras e exemplos, a prática da caridade. Teve comigo muita caridade. Compadeceu-se de minha idade (por ser um grandão em meio aos pequenos) e procurava me ajudar de todas as formas no rendimento escolar.

- **Prof. Vicente Cima:** era um homem severo na disciplina e que conseguia ser amável. Me dizia: se você tiver boa vontade, terá caído em boas mãos. Sempre vou lhe ajudar a arrumar um bom trabalho.

- **Padre Pedro Bonaldi:** um verdadeiro modelo de professor. Sem jamais infligir um castigo, conseguia fazer-se respeitar e amar pelos seus alunos. Observe-se aqui o incentivo ao **valor do bom educador** na obra salesiana.

- **Padre José Maloria:** Dom Bosco o escolhe como confessor e conselheiro espiritual. Observe-se aqui o incentivo ao **valor do acompanhamento** e do aconselhamento na obra salesiana. “Me recebia sempre com bondade. Me animava a confessar e a comungar com maior frequência. Creio que devo a este meu confessor o fato de não ter sido arrastado pelos maus exemplos”.

- **Luis Comollo,** amigo inseparável. João o admirava e o considerava um irmão. O primeiro gesto de Comollo que chamou a atenção de João foi o perdão dado a um colega que o havia maltratado. Foi o fato catalisador de um relacionamento que foi se aprofundando com o passar do tempo. O principal legado de Comollo foi no campo da espiritualidade: **“aprendi dele a viver como cristão.** Depositei nele plena confiança, e ele em mim; precisávamos um do outro. Eu de ajuda espiritual, ele da minha força física para defendê-lo de agressores. Um modelo de virtude. Sentia-me levado a imitá-lo” (MO, 63).

Tal imitação não era de todo possível porque, alimentado pelos pensamentos da corrente rigorista da época, Comollo vivia um ascetismo severo, no limite de suas forças. Toda falta era pecado grave. Muitos atribuem sua morte precoce, em 1839 (aos 15 anos) a tanta austeridade e mortificações. Em 1844, Dom Bosco tornará público este exemplo de vida e de amizade (em especial para os jovens do seu oratório), quando escreveu sua biografia, destacando suas virtudes e santidade. A vida de Luis Comollo será sempre um protótipo da educação oratoriana.

Castro (2015, p.45) resume este primeiro período em Chieri lembrando que João foi um aluno de fato brilhante, tanto na conclusão do curso de humanidade quanto de retórica. Muito bem aceito pelos professores e sempre aprovado com nota máxima, igualmente na conduta. O temperamento polivalente e a facilidade de conquistar a simpatia dos colegas desenvolveu-se grandemente. Se mostrava versátil e serviçal, ajudava os colegas de escola, aproveitava o tempo para a leitura de vários autores.

Temos, segundo constatações de Castro (2015, p.49), importante síntese dos aprendizados fundamentais de João neste período:

- A mudança de ambiente, do meio rural para o ambiente urbano. Teve que aprender a conviver com mais pessoas e a se orientar de forma diferente, pois o trabalho ali seria o estudo.

- Afastar-se da mãe na convivência diária; teve que se relacionar bem com as pessoas que lhe eram vizinhas e da forma mais simples possível.

- O trabalho como estudante exigiu a mesma dedicação e luta como no trabalho rural; não se podia viver sem trabalhar e, na cidade, sem estudar e também trabalhar.

- Orientar-se como verdadeiro cristão e ser assíduo às funções da Igreja.

- O aprendizado para escolher seus amigos nas pessoas de seus grandes exemplares colegas que se tornaram referências e companheiros saudáveis no dia a dia.

- Estabelecimento para si e para seus companheiros de um caminho de empenho e de vida alegre sem ofender a Deus, ao fundar a Sociedade da Alegria.

- O saber olhar para si e reconhecer um tempo em que havia a bênção de Deus em sua vida ao poder estudar e prosseguir nos estudos.

- A necessidade de continuar trabalhando sempre, para garantir a sobrevivência e a sustentação.

- O saber olhar para si e para as suas circunstâncias e ir percebendo aí a intervenção divina, a vontade de Deus.

- A constatação de que estava realizando seu grande desejo vocacional de ser padre.

## Exercício 2

**1. Correlacione cada pessoa com o benefício que trouxe à formação de João Bosco:**

1	<b>Luiz Comollo</b>		Maior segurança em si mesmo. Foi para ele um ideal sacerdotal.
2	<b>Padre Calosso</b>		Capacidade de perdoar. Dele aprendeu a viver como verdadeiro cristão.
3	<b>Margarida</b>		A caridade mostrada em palavras e exemplificada na prática.

4	Padre Valeriano	Confiança na providência, firmeza, decisão e afeto.
---	-----------------	---

a) 3 / 4 / 1 / 2  
b) 4 / 2 / 1 / 3  
c) 2 / 1 / 4 / 3  
d) 1 / 2 / 3 / 4

**2. A respeito da postura de João nos tempos da escola pública e dos estudos em Chieri, marque a alternativa correta:**

a) Devido à sua imaturidade, foi necessário a constante presença da mãe.  
b) Tinha como critérios: andar sempre em boas companhias, fugir das más influências.  
c) Interessou-se pelos estudos a ponto de passar necessidades, pois não havia tempo para trabalhar.  
d) Aderiu à espiritualidade rigorista do amigo Luis Comollo, a quem tanto admirava e que era para ele um exemplo de piedade.

**3. A respeito do sonho que João tivera aos 9 anos, analise os enunciados a seguir:**

I. Antônio o interpretou dizendo que João seria chefe de quadrilha.  
II. Foi um sonho profético que repetiu-se outras vezes e João foi aos poucos entendendo, a partir dele, sua missão.  
III. O sonho indicou-lhe o método, a missão e seus destinatários.  
IV. João preferiu o conselho da avó: não dar ouvido aos sonhos.

a) Apenas os enunciados I, III e IV estão corretos.  
b) Apenas os enunciados I, II e III estão corretos.  
c) Apenas os enunciados II, III e IV estão corretos.  
d) Todos os enunciados estão corretos.



## UNIDADE 3 - UM PADRE PARA OS JOVENS

Esta unidade tem o objetivo de apresentar as experiências formativas de João Bosco no seminário bem como o contexto ideológico no qual estava mergulhado. Mostrar também como, aos poucos, foi estruturando pastoral em prol da educação da juventude mediante o amadurecimento obtido junto ao Colégio Eclesiástico.

### 3.1 A vida no seminário de Chieri

Estamos ainda em Chieri, no ano de 1835. João terminou os 4 anos da escola secundária pública e agora decide-se, ali mesmo na cidade de Chieri, a entrar para o seminário. Torna-se clérigo e, como tal, recebe o hábito. Tem 20 anos e, pela frente, são mais seis anos de estudos. Mamãe Margarida marca este momento com as seguintes palavras:

Lembra-te que não é o hábito que honra o teu estado, mas as virtudes que praticares. Se por desgraça vieres um dia a duvidar de tua vocação, ah! Por caridade! Não desonres a batina. Larga-a imediatamente. Prefiro ter como filho um pobre camponês, a um padre negligente nos seus deveres. Quando nasceste eu te consagrei a Nossa Senhora. Pois agora também te recomendo que seja todo dela. E se chegares a ser padre, recomenda e propaga sempre a devoção a Nossa Senhora. (MO, 92)

Importa, que neste novo momento da vida de João Bosco, mostremos o clima, o contexto educacional e teológico, as ideologias que pairavam no ar. Coisas que exigirão dele o equilíbrio e a prática de um critério que o acompanha desde a infância: “ficar com o que é bom”. Seguramente é hora, também, de fazer valer as palavras do sonho: tornar-se sábio e ser obediente.

#### 3.1.1 Formação disciplinar, moral e espiritual

O seminário fora lugar de formação eclesial séria, onde Dom Bosco foi plasmado (BRAIDO, 2004, p. 152). Dom Chiaveroti, organizador deste seminário de Chieri elaborou um regulamento de matriz disciplinar, baseado nas orientações do Concílio de Trento que, sendo de caráter exterior, tinha como finalidade modelar a

interioridade, com ideias de vida espiritual e santidade. Um grande relógio na parede do pátio trazia a seguinte frase: *afflictis lentae, céleres gaudentibus horae* (cujo sentido, referindo-se ao passar das horas era: lenta para os aflitos e rápida para as pessoas alegres). Eis – disse ao amigo Gangliano, - eis aí o nosso programa aqui no seminário: vamos estar sempre alegres e o tempo passará depressa. O programa de estudos teológicos tinha orientação apologética e casuística. O objetivo principal era proporcionar as ferramentas com que se pudessem refutar as objeções contra a fé católica e resolver questões morais. João Bosco se adaptou à dura rotina do dia a dia no seminário. Neste ambiente uma coisa é exigida de todos e João Bosco responde muito bem a ela: o exato cumprimento do dever.

Segundo Castro (2015, p.55), de seus estudos de vários autores expostos conforme o programa, resultou que o seminarista J. Bosco foi iniciado em um cabedal de raciocínio para melhor compreender a vida, a partir dessas assertivas posições expressas pelo programa seguido pelo professor Ternavasio.

Deste modo, Braido (2008) diz que o que se pode induzir é que Dom Bosco não foi iniciado numa séria filosofia realista e espiritualista. Sem dúvida, no ensinamento de Ternavasio não havia espaço para uma metafísica do ser, de derivação tomista ou escolástica. Em Chieri nascia um filósofo, mas certamente um homem capaz de ordem e sequencialidade no raciocínio, como base também para os estudos dos tratados de teologia. (BRAIDO, 2008, *apud* CASTRO, 2015, p.55). Observador que era, constatava que:

- Os superiores eram bons, porém inacessíveis. Se conversava com eles duas vezes ao ano, ao sair e ao chegar de férias. Se um superior chamava algum aluno era certamente para ser repreendido. Quando passava por entre os alunos, estes fugiam de sua presença.

- A separação entre equipe dirigente e os estudantes. O reitor era alguém inacessível<sup>6</sup>.

- Observou que prevalecia, na formação no seminário, uma metodologia repressiva, austera. Lembrar-se-á das inconveniências deste modelo de formação e na educação dos seus jovens no oratório.

---

<sup>6</sup> Dom Bosco, em suas Memórias, faz comentários críticos sobre o tremendo distanciamento do reitor e dos professores do seminário (MO, 93).

- Muitos seminaristas não estavam ali por vocação. Fomentavam más conversas, fofocas e alguns eram pegos com livros ímpios e obscenos (MO, 29).

Ali mesmo, no seminário, deparou-se com correntes de pensamento e movimentos que representavam sistemas morais, concepções eclesiológicas e teologias que se desenvolveram no âmbito cristão e que suscitaram muitas controvérsias, ao mesmo tempo que tinham sérias implicações no campo doutrinário e pastoral. Estas teorias acompanharam João não apenas no período de formação seminarística, mas existiram e se prolongaram durante todo o seu trabalho pastoral. Estudou todas elas, porém “não parecem ter tido muito impacto na cultura e na mentalidade de Dom Bosco, alheio, por temperamento, a especulações teóricas” (BRAIDO, 2004, p.132).

Assim, debatia-se em sala de aula e entre estudantes ensinamentos probabilioristas, teses anti-falibilistas, ideias filogalicanas, etc. Logo apresentaremos algumas dessas teorias. De qualquer forma João não teve muito entusiasmo pelos estudos teológicos institucionais que eram voltados predominantemente para a dogmática-especulativa e não ajudavam na comunicação com o povo.

O que foi muito bom neste período de seminário para João Bosco foi o ordenamento disciplinar e espiritual.

Ele pode operar uma discreta consolidação da sua estrutura espiritual-moral de base, com bom sustento da pedagogia do dever, do amor e da alegria: exatidão no cumprimento dos deveres, oração matinal com a missa, a meditação, o rosário, a leitura às refeições, a confissão quinzenal e a comunhão nos dias festivos; o estudo dos tratados de filosofia e teologia de caráter histórico-apologético que lhe darão a primeira iniciação ao futuro compromisso histórico-catequético e popular. (BRAIDO, 2004, p. 132).

Nesta dimensão espiritual, duas figuras de santos incidirão fortemente no seu estilo educativo preventivo: São Felipe Neri e São Francisco de Sales. Falaremos disso quando abordarmos sua experiência do Colégio Eclesiástico. A verdade é que João desenvolve particular interesse por autores que dão uma interpretação teologizante, providencialista e moralista à história. Sempre se inclinará também àqueles que defendem a Igreja, mesmo nos tempos das maiores trevas.

### 3.1.2 Sistemas morais

A expressão “sistema moral” foi cunhada por Santo Afonso Maria de Ligório e passou para o uso comum da moral católica. Muitas destas realidades que compunham “os sistemas morais” vêm desde o século XVII. Embora importantes para caracterizar os tempos de Dom Bosco, não vamos nos demorar a este respeito. No contexto estudantil de João Bosco, existiram:

**Probabilismo:** indica que em caso de dúvida, pode-se seguir uma opinião provável, embora exista outra que seja inclusive mais provável. Quando este princípio foi levado ao extremo deu lugar ao laxismo.

**Laxismo:** é exatamente a exacerbação do probabilismo. Afirma que se pode seguir qualquer opinião, basta que ela seja minimamente provável, ou tenha uma mera probabilidade. No aspecto moral, isto significou uma “consciência frouxa”.

**Probabiliorismo:** afirma que só se pode seguir uma opinião favorável à liberdade de consciência se ela for mais provável do que a sua contrária. O pressuposto deste princípio é: a lei está acima da liberdade de consciência. Representou uma moral cristã mais rígida.

**Equiprobabiliorismo:** em caso de dúvida pode-se seguir a opinião favorável à liberdade de consciência desde que seja igualmente provável à contrária.

**Tuciorismo:** em caso de dúvida de consciência deve-se seguir sempre a opinião mais segura. Ou seja, há de prevalecer sempre a lei, a não ser que exista certeza absoluta da inexistência da lei. Esta tendência foi seguida pelos jansenistas e rigoristas extremos.

### 3.1.3 Concepções eclesiológicas

**Conciliarismo:** ensina que o Concílio ecumênico é superior ao Papa. O papa pode cair em erro, a Igreja, não.

**Galicismo:** refere-se a uma doutrina e uma prática que reivindicam status preferencial à monarquia francesa. Em outras palavras: se tinha uma prática eclesial a ser seguida, era esta, advinda da monarquia francesa e da igreja francesa. Contrariava, na verdade, o centralismo romano.

**Febronianismo:** doutrina proposta por Justino Febrônio. Defendia que, como todos os bispos são iguais, o papa não tem jurisdição fora da sua própria sede. Pretendia a criação de uma igreja nacional alemã.

**Josefinismo:** Sob o governo de José II estabeleceu-se, na Áustria, controle da Igreja pelo Estado. Os privilégios papais foram todos abolidos. O Estado torna-se soberano. As propriedades da igreja foram tributadas e as ordens religiosas foram perseguidas e restringidas.

### 3.1.4 Concepções teológicas

#### O Jansenismo

Trata-se de um conjunto de princípios estabelecidos por Cornélio Jansênio 1585-1638, bispo de Ypres condenado como herege pela Igreja Católica, que enfatizam:

- **A predestinação:** que defende a ideia de que os homens já nasciam predestinados ao céu ou ao inferno, nada podendo mudar esse destino. O homem só se salva pela graça de Deus, obtida pela redenção de Cristo, que permanece arbitrariamente reservada aos que foram predestinados pela livre vontade de Deus.
- **O rigorismo:** que sustentava que o humano deveria ser mantido controlado pelo rigor penitencial e sacramental. Exigia-se total perfeição em todas as circunstâncias. Nesse caso, a comunhão era algo muito raro vez que dificilmente se encontravam em condições dignas de receber Jesus na Eucaristia. Há razões suficientes para crer que Comollo, alimentado por ideais rigoristas, exigiu muito de si mesmo, indo a óbito tão precocemente. O jansenismo exerce grande influência na Igreja, inclusive no Piemonte (LENTI, 2010, p.323).

A este respeito, João Bosco amadurece a sua concepção teológica ao redor do problema da salvação eterna, encontrando seu centro em Deus Criador, Pai, Remunerador e Salvador. Sua mentalidade cristã específica parece mais influenciada diretamente pela instrução catequética originária e pela vivência da religiosidade popular, e reforçada culturalmente mais por literaturas secundárias que aquelas programadas na formação eclesiástica. Ele não aderiu de maneira crítica formal a qualquer sistema dogmático e moral. Deste modo sempre se sentiu livre e eclético diante da diversidade. Não obstante defendeu ferrenhamente os

fundamentos da fé católica. Nesse sentido, Dom Bosco adquiriu uma forte mentalidade apologética<sup>7</sup> (BRAIDO, 2008, p.149-150).

Importa saber que o seminarista Bosco precisou posicionar-se equilibradamente diante dessa modalidade de vida espiritual. Soube, de tudo isto aproveitar o que lhe serviria de base para expressar as verdades da fé em linguagem simples e possíveis de serem entendidas pelo povo. Quanto mais se aproximava dos jovens e dos apelos do seu coração, percebia que o rigor, o pessimismo em relação à pessoa humana, o distanciamento sacramental não encaixavam nos seus propósitos pastorais.

### 3.1.5 Formação política e eclesiológica conservadora

O posicionamento político e eclesiológico do colégio (e também do seminário) mostram-se bastante conservadores. Deve-se considerar que Dom Bosco recebeu exatamente esta formação, típica dos tempos da restauração (1815-1848), ou seja, depois das experiências negativas da Revolução Francesa e da época napoleônica. Era generalizada a convicção de que os princípios da Revolução Francesa resultam das ambições humanas, enquanto a ordem anterior, onde a Igreja mantinha uma centralidade e organizava a sociedade, esta, sim, era de origem divina. Um dos desejos da Igreja era exatamente poder organizar a sociedade como cabeça pensante, em conformidade com a vontade divina, enquanto a sociedade seria, em analogia ao corpo humano, o *corpo social*. Neste corpo social a Igreja é a cabeça que pensa e decide para o bem de todos, com fortes conotações salvíficas.



Fonte: <http://migre.me/raVSV>

A rejeição da revolução era também a rejeição do princípio básico do Iluminismo. Este afirmava que a razão humana, por si só, pode chegar à verdade e ao bem. A Igreja, por sua vez, sempre considerara que a revelação divina era o elemento central da organização social. A igreja apoiava a monarquia porque o rei

---

<sup>7</sup> Parte da teologia que tem por objetivo a defesa da religião cristã. Dom Bosco teve vários embates com seitas protestantes da época, principalmente os valdenses.

era nomeado por desígnio divino. Os movimentos revolucionários no Piemonte-Sardenha contribuíram para o enrijecimento da postura conservadora da Igreja e a criação de um estado policial.

Em 1832, Gregório XVI condenou as novas liberdades. É legítimo pensar que dentro do seminário o pensamento comum fosse: a obediência ao rei (coroadado pela Igreja e escolhido por vontade divina); a oposição ao movimento de unificação da Itália (Ressurgimento), porque destronaria os legítimos representantes dos Estados, inclusive o Papa; a defesa do primado, da infalibilidade e do poder temporal do Papa.

### 3.2 João Bosco sacerdote

Enfim, após seis anos de seminário, em meio às dificuldades, João está prestes a se tornar sacerdote. Já com 25 anos teve a ideia de solicitar ao bispo uma permissão especial para fazer o quarto ano de teologia durante as férias de verão de 1840. Após dois meses de árduos estudos, foi aprovado em todas as disciplinas, tendo produzido também, como culminância de todo o processo, dois tratados teológicos que versavam sobre Eucaristia e Penitência. Nos 10 dias de retiro espiritual, onde sobretudo refletirá sobre o “ser padre”. As Memórias Biográficas registram o momento em que o pregador, José Cafasso, lembrava:

O padre é a mais elevada dignidade à qual uma pessoa possa ser alçada. A ele e não aos anjos foi concedido o poder de converter o pão e o vinho no Corpo e Sangue de Cristo; a ele, não aos anjos, foi dado o poder de perdoar os pecados. Ele é o ministro de Deus três vezes santo. Se isto é verdade, quão grande deve ser a santidade do sacerdote? Deve ser uma pessoa totalmente espiritual. Deve possuir todas as virtudes, sobretudo muita caridade, humildade, uma fé viva, castidade (...) e a força do bom exemplo. Recordemos que o padre nunca vai sozinho para o inferno ou para o paraíso; ele vai sempre acompanhado (BRAIDO, 2004, p.306)

João saiu deste retiro com firmes propósitos que de modo geral expressavam a intensão de sofrer, trabalhar, humilhar-se em tudo e sempre, pela salvação das almas. Nada de comodismo ou prazer como dormir, comer, beber. Dedicaria ao corpo apenas 5 horas de sono a cada noite. Ocuparia rigorosamente o seu tempo, e cuidaria atenciosamente da espiritualidade mediante meditação e oração. Desde

este momento adotou definitivamente como modelo de sacerdote a São Francisco de Sales. Foi ordenado padre no dia 05 de junho de 1841, pelo arcebispo Luís Fransoni.

### 3.2.1 Novos cenários

O recém-ordenado padre João Bosco recebeu diferentes propostas de trabalho. Poderia ser professor em uma nobre família de um senhor de Gênova (seria muito bem pago para isto); poderia ser capelão em Murialdo, ou vigário em sua paróquia em Castelnuovo. Antes de tomar qualquer decisão quis consultar o Pe. José Cafasso, em Turim, para pedir-lhe conselhos, ele que já era seu guia espiritual há mais tempo. Dom Cafasso, sem duvidar um só instante, disse a Dom Bosco: “o senhor tem necessidade de estudar moral e pregação. Recuse por ora qualquer oferta e venha comigo ao Colégio Eclesiástico” (LENTI, 2012, p. 333). No dia 03 de novembro de 1841, Dom Bosco entrou para o referido Colégio.

### 3.2.2 O Colégio Eclesiástico

Esta instituição era voltada para a prática pastoral, em vista da necessidade de se ter bons padres para a Igreja, com capacidade de boas pregações e serem bons confessores, por isso objetivava ensinamentos da moral prática. Pe. Cafasso, orientador de Dom Bosco nestes três anos de aperfeiçoamento, o afirmará ainda mais no necessário equilíbrio para lidar com tantas correntes teológicas e sistemas morais e a realidade do povo simples.

Ruffino (1861, p. 9), referindo-se às conclusões de Dom Bosco acerca de tantas especulações, lembra o que ele dizia: “Meu sistema é aquele que redunde na maior glória de Deus. Que me importa ter um sistema estreito e que, depois, mande uma alma para o inferno ou que tenha um sistema largo, desde que mande almas para o paraíso?” (RUFFINO, 1861, p.09 apud BRAIDO, 2002, p.163).

Como forma de “bem preparar para o trabalho pastoral” o Colégio tinha ainda o seguinte propósito: responder às novas situações reais vividas pelo povo. É nesse momento que, juntamente com padre Cafasso, Dom Bosco “enxerga” de perto a realidade das ruas. Turim vivia problemas sociais e econômicos surgidos da imigração massiva de camponeses e da industrialização. Foi aos poucos voltando sua atenção e se sentindo cada vez mais atraído pelo cuidado dos jovens, sobretudo em dificuldade e em perigo, encarcerados, marginais, imigrantes.



### 3.2.3 Experiências pastorais

Enquanto aprofundava a dimensão pastoral, já realizava experiências concretas, respondendo a situações reais vividas pelo povo. Foi logo colocando em prática o que estava em seu coração: começou a reunir no pequeno pátio da igreja São Francisco de Assis jovens que vagavam pelas ruas da cidade para instrução religiosa e outras atividades. Considera, o próprio Dom Bosco, ser este o início do oratório. Os reunia aos domingos e dias festivos.

Outra ação prática, da qual Dom Bosco muitas vezes fez parte, foi a visita às prisões que permitiu a Dom Bosco a visão exata da magnitude do problema social em que estavam os jovens e, de modo especial, o motivará a dedicar-se inteiramente a eles.

De fato, em 1845 foi inaugurada uma prisão só para jovens: a Generala, bem distante da cidade. Dom Bosco que visitava as prisões desde 1841, chegou à seguinte conclusão:

Os jovens são o componente mais frágil e, apesar disso, o mais valioso da sociedade humana, porque neles fundamentamos nossas esperanças de futuro. Foram condenados à prisão muito mais por ignorância que por maldades (MO, *apud* LENTI, 2010, p.407).

E contemplando seus rostos atrás das grades, Dom Bosco diz: “Ver turmas de jovens, de 12 a 18 anos, robustos, cheios de imaginação e sem nada para fazer, picados pelos insetos, à míngua de pão espiritual e temporal, foi algo que me horrorizou [...]”. (PERAZA, 2011, p.151).

Percebeu que muitos saíam da prisão e, em pouco tempo, estavam lá novamente. Então, numa atitude que já anunciava o caráter preventivo do seu trabalho, pensava: “Se lá fora tivessem um amigo que cuidasse deles, não retornariam para este lugar horrível” (PERAZA, 2011, p.151).

E referindo-se ao objetivo do Oratório, dizia: “[...] minha finalidade era recolher somente os meninos em maior perigo, de preferência os que deixavam a cadeia, todavia para ter boa conduta e boas amizades, convidava também alguns outros já instruídos (na religião)” (MO, 128).

Assim, a origem do oratório tem profundas implicações com as visitas frequentes às prisões. Dom Bosco considerava que ali haviam desembocado os fracassos espirituais e materiais, encontravam-se muitos jovens em estado de degradação e condenados pela sociedade. Concluiu também que, sendo ajudados e percebendo a dignidade do ser humano, muitos deles mudariam de conduta e viveriam de tal modo que nunca mais teriam que retornar a ela.<sup>8</sup>



Fonte: <http://migre.me/w25SD>

Já no término dos três anos no Colégio Eclesiástico, no ano de 1844, aconselhado por Cafasso, Dom Bosco aceita a oferta da Marquesa Barolo: ser capelão no Pequeno Hospital, ainda em construção e (ao mesmo tempo) ajudar o Pe. Borel no Refúgio, que era um lar para 400 meninas abandonadas.

Uma atividade de extrema intensidade e responsabilidade que precisará, momentaneamente, conciliar com o grupo de jovens (meninos) que, na verdade, desde 1841 – assim que se tornara sacerdote – vinha cultivando e que agora tornava-se expressivo com o “oratório” na Igreja São Francisco de Assis<sup>9</sup>.

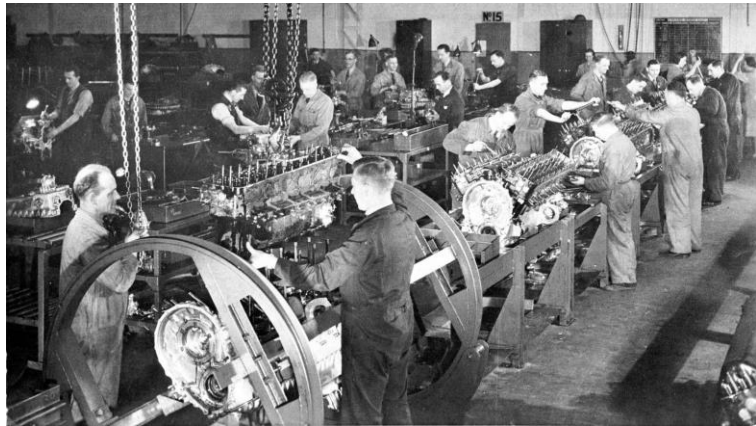
### 3.3 A Revolução Industrial

Enquanto aprofundava sua opção fundamental pelos jovens, Dom Bosco se dava conta de um dos fenômenos mais marcantes que pôde presenciar em Turim: a Revolução Industrial. Tratava-se de um conjunto de mudanças que aconteceram na Europa nos séculos XVIII e XIX (1750 e 1800), caracterizado principalmente pela substituição do trabalho artesanal pelo assalariado, com o uso das máquinas. A produção manual e a roda movida pela água, foram substituídos pela máquina, que se movimenta cada vez mais rápido e com maior precisão.

<sup>8</sup> P. Braido, *Don Bosco per I giovani*, 56

<sup>9</sup> Reuniam-se cerca de 70 jovens.

A classe burguesa é dona do capital, das máquinas e do comércio. Isto faz surgir a classe proletária (o operariado) explorada como mão de obra. Tudo estava sujeito às leis da produção e do mercado. Esta tentativa de produzir cada vez mais e com menor custo deu origem a uma terrível desumanização do trabalho. O operário recebia um salário de fome para trabalhar até 16 horas, diariamente, incluindo nesta servidão as suas esposas e filhos. Foi o estopim de muitos problemas sociais.



Fonte: <http://migre.me/w25Yw>

### 3.3.1 Turim e a realidade juvenil

A população de Turim, entre 1841 e 1848, chegou a 136.849 habitantes. 60% eram jovens em idade escolar, com idade de até 20 anos. Grande maioria das famílias tinha de 11 a 12 pessoas em casa. Era notável a indústria da construção civil, que demandava muita mão de obra. Aí trabalhava a maioria dos jovens. Por ser uma cidade onde a Revolução Industrial começava a “tomar vulto”, atraía o interesse de muitos habitantes vindos de fora. É o caso de um bom número dos jovens do “já próximo” oratório de Dom Bosco.

Aí chegavam cheios de esperança de arrumar um bom emprego, ganhar dinheiro, e ter estudos. Acabavam se encontrando com a dura realidade imposta pelo sistema capitalista implantado nas indústrias e nos canteiros de obras (ou qualquer outra atividade): exploração e mais valia. O lucro a custo de vidas humanas.

Muitos outros ocupavam-se nas indústria de fios e tecidos, ou em fundições de metal, em fábrica de armas e munições, ou ainda em curtumes. Havia ainda os engraxates, tecelões, limpadores de chaminés, carregadores, calceteiros (que colocam paralelepípedos nas ruas). A mendicância tornou-se notória. Mendigam trabalho nos hotéis, nas estações férreas, nos palácios ou mesmo o necessário para sobreviver (pão, dinheiro, remédio). Geralmente analfabetos e desprovidos de

instrução religiosa. Trabalham até 16 horas por dia<sup>10</sup>. O alimento é pouquíssimo e o salário é de fome, os alojamentos insalubres, vivem na promiscuidade, os adultos oferecem péssimos exemplos. Não existiam leis que os protegessem.

Famílias inteiras chegavam a cada dia em Turim. Logo se davam conta de que a realidade ali era até pior do que aquela encontrada no campo e já não podiam mais voltar, pois algum grande proprietário havia comprado suas pequenas propriedades. Resultado: muito mais pobreza, mendicância e violência.

Os jovens experimentavam o mais terrível abandono, solidão e anonimato. Perambulavam pelas ruas, desocupados. Vítimas da exploração (para os empregadores eram apenas mão de obra) e também das epidemias, principalmente do cólera. Uma grande maioria sem pai e sem mãe. Correm sérios riscos expostos num meio social moralmente contaminado, explorador e agressivo. Estão no ócio e envolvidos com jogos, aprendendo obscenidades e blasfêmias, se transformando cada vez mais em delinquentes, bandidos, ladrões. Em perigo e perigosos. Formam grupos violentos, verdadeiras gangues. Brigam e se matam entre si. A solução mais comum encontrada pelas autoridades, para este caos social, era uma só: a prisão.

Foram se acomodando ao longo do rio Pó, no bairro do Moschino, o pior bairro da cidade.

[...] era refúgio de gente viciada, inimigos de qualquer tipo de ordem, invejosos das posses alheias, sempre dispostos a derramar sangue, inclinados à maldade por algum instinto feroz. Ali conviviam como iguais o crime, a pobreza e a prostituição. A maioria ocupada no contrabando de álcool e tabaco (LENTI, 2010, p. 384).

É esta situação juvenil de pobreza e abandono, que provoca a opção vocacional de Dom Bosco. Esses numerosos jovens em tudo se pareciam com aqueles do sonho que teve aos 9 anos. Sonho em que fora convidado a cuidar deles. João, jovem sacerdote, de 25 anos, quando perguntado, por Cafasso, sobre o que traz no coração, o que ocupa sua mente, lhe responde: “neste momento me parece encontrar-me em meio a uma multidão de jovens que esperam que eu os ajude” (MO, 42).

---

10. Apenas em 1886 houve uma lei que reduziu a jornada de trabalho para 14 horas por dia.

### 3.4 O Oratório como resposta

A essas alturas, orientado pelo Pe. José Cafasso, estava claro para Dom Bosco que o seu apostolado deveria, definitivamente, ser com os jovens. Para tanto foi necessário desvincular-se do trabalho nas obras da Marquesa Barolo. E, como já fora dito, passou a reunir, de modo mais sistemático, estes meninos pobres e marginalizados (saídos da prisão) no pequeno pátio da Igreja São Francisco de Assis. A finalidade era precisamente esta: reuni-los e cuidar deles.

O que significava “cuidar deles”? Para Dom Bosco, significava fazer com que descobrissem sua dignidade humana e, imediatamente:

- evitar que voltassem para as prisões;
- evitar a morte, pois estando nas ruas ficavam sujeitos à morte devido à violência, às doenças e à fome.
- encontrar um abrigo seguro e serem instruídos na religião;
- fugir da exploração, da promiscuidade e do ócio;
- estudar.

Observe-se aqui a natureza preventiva, desde a origem, da obra de Dom Bosco.

O perfil de Dom Bosco, já o demonstramos em momentos anteriores era o de um homem prático. O drama social no qual estavam os jovens exigia resposta concreta, rápida e segura. Não dispunha de recursos para fazer tudo o que desejava, mas começou por ir até onde eles estavam, caminhar com eles, estar com eles nas ruas, nos becos, nos canteiros de obras, nos presídios, nos hospitais. Primeiramente reunia os jovens no pequeno pátio da Igreja de São Francisco de Assis, depois passou a migrar de um lugar para outro até fixar-se na casa Pinardi. Este período ficou conhecido como “oratório itinerante”. As etapas foram as seguintes:

- **No Refúgio**, uma obra da marquesa Barolo. Ficou ali seis semanas.
- **No Pequeno hospital Santa Filomena**. Neste ano, de 1845, o número de jovens chegava a 200. Foi a partir deste ano que o oratório passou a chamar-se “Oratório São Francisco de Sales”, por duas razões:

Primeira, porque a marquesa Barolo tencionava fundar uma congregação de padres sob esse título, e com essa intenção encomendava o quadro do santo [...]; segunda, porque como tal

---

ministério exige grande calma e mansidão havíamos-nos colocado sob a proteção deste santo. (MO, 137 *apud* LENTI, 2010 p.437).

- **No cemitério de São Pedro in Vincoli** – mudou-se para este local devido às queixas de vizinhos e moradores (do “Hospitalito”) referentes ao tumulto e confusão causados pelos meninos, cujo número aumentava cada dia. Devido a problemas municipais, teve que sair também deste novo local. Ficou aí apenas um dia.

- **Nos Moinhos Doria**, que poderia utilizar somente do meio dias às 15 horas. Este local foi de julho a dezembro. Precisou deixá-lo pelo mesmo problema já citado: o barulho provocado pelos jovens.

- **Na Casa Moreta**: durou de dezembro de 1845 a abril de 1846. As reclamações levariam para mais uma mudança. Desta vez para um barracão próximo dali, a 200 metros. Dava-se o final da pergrinação do oratório. Era a Casa Pinardi, no bairro Valdocco (bairro onde se estruturou toda a obra do oratório).

**Um lugar definitivo** (como foi o caso desta casa no bairro de Valdocco – e por isso a referência “Oratório de Valdocco”) dava a Dom Bosco a estabilidade necessária para concretizar seu projeto: jogos, confissões, missa, catequese, passeio. Mais tarde: oficinas de aprendizagem, escolas, atividades associativas (grupos).

Assim, o oratório se tornara **um pátio**, para conviver em liberdade, alegria e segurança; **uma casa**, para uma relação afetuosa de família, receber roupa e alimento; **uma escola** para formar, capacitar a vida e o trabalho; **uma paróquia**, para entenderem-se como filhos de Deus. Sobretudo, um espaço de vida, um lugar de referência que facilita o encontro, o diálogo, a catequese, a promoção humana, a capacitação.

Valdocco pode ser visto como uma síntese das experiências vividas pelo próprio Dom Bosco. Ali são refletidos os valores cristãos, bem como a força de caráter recebida desde a infância pela mãe; a espiritualidade e amizades adquiridas pela convivência com tantas pessoas, em especial com Pe. Calosso; as experiências de liderança vividas no campo, no período escolar e seminário (outras que viriam também como sacerdote); seu aprendizado profissional (várias artes que teve de aprender para sobreviver). Podemos ver também o oratório como uma síntese dos sentimentos e observações de Dom Bosco, por exemplo: a experiência de ser migrante, do medo e da insegurança próprios da orfandade, a fome, o frio.

Dom Bosco não tinha pai (o perdeu aos 2 anos de idade) e passou por terríveis dificuldades para estudar. Agora, tinha diante de si centenas de histórias de vida que, sob muitos aspectos, lembravam a sua. Um sentimento lhe brotou forte, e veio do coração: compaixão. Eram como ovelhas sem pastor. O sonho que tivera aos 9 anos já o colocava neste cenário: pastor de um rebanho. Tal consciência o faz adotar a figura bíblica do bom pastor como símbolo de sua pedagogia.

Tudo isto nos ajuda também a entender os procedimentos metodológicos para o estudo de Dom Bosco: tudo tem uma gênese. Nada é feito do nada, de improviso. Há um porque histórico e processual. Este próprio Oratório (de Valdocco) será, em pouco tempo, a experiência embrionária para toda a obra salesiana que, com as primeiras atividades missionárias, se espalha pelo mundo inteiro.

### 3.4.1 Como as coisas se organizaram

Para Dom Bosco, era importante que aqueles jovens tivessem uma casa, um ambiente que em tudo reproduzisse o ambiente familiar. Sobre este alicerce haveria de se edificar uma belíssima obra. Cada “tijolo” foi extremamente importante.

Num primeiro momento, Dom Bosco distribuiu os meninos em oficinas na cidade e os acompanha durante a semana, combinando com os patrões o perfeito ensino do ofício, o respeito ao limite de suas forças, o tempo necessário para a prática religiosa e de estudos, bem como, um salário adequado. Por outro lado, se comprometia pelo jovem aprendiz quanto à sua dedicação e responsabilidade.



Fonte: <http://migre.me/r2UCE>

Num segundo momento, Dom Bosco funda na sua própria casa (Valdocco) as oficinas de sapataria, costura, encadernação, carpintaria, tipografia e mecânica. Isto porque considerava que o ambiente das oficinas na cidade expunha os jovens aos perigos típicos do ambiente social e de trabalho da época.

A seu tempo surge a escola dominical e noturna, a escola de música e a banda instrumental. Em maio de 1847 se inicia a casa anexa ao Oratório. Ali se

abrigam aprendizes e estudantes que estivessem na seguinte condição: idade mínima de 12 anos e menos que 18; órfãos de pai e mãe, sem nenhum parente que assumisse seus cuidados, totalmente pobres e abandonados. Vale lembrar que a grande maioria dos jovens, não obstante também fossem necessitados, permaneciam no oratório aos domingos, dias festivos ou o tempo destinado a aprendizagens. Depois regressavam. Estes, da casa anexa, haveriam de ser os primeiros internos.

Nestes tempos de emergência, por razões semelhantes à da origem da casa anexa, foi a criação da “*sociedade de mútuo socorro*”. Os jovens se ajudariam entre si, com pequenos depósitos em comum. Pensou nisto para atender as necessidades urgentes daqueles que eventualmente estivessem gravemente enfermos e impossibilitados para o trabalho.

### 3.4.2 As prioridades

É certo que a primeira coisa a ser feita era salvar a vida. Para Dom Bosco um prato de sopa, um cobertor, um pedaço de pão significavam mais que mil palavras para o jovem faminto, abandonado e com frio. Seguiu-se a esta atitude a inequívoca importância que se dava à instrução religiosa. A existência de uma igreja e as salas de aula são indicativos deste propósito. A finalidade da obra sempre foi educativa. Educação concebida enquanto desenvolvimento da pessoa tanto no aspecto humano-social quanto religioso-espiritual.

Constituiu prioridade o acolhimento aos jovens totalmente carentes e sem moradia. Abrigou-os na “casa anexa” ao Oratório, construída para este fim.

percebemos que alguns jovens são tão abandonados que, se não forem abrigados, seria inútil todo cuidado com eles, providenciando alimento, alojamento e vestuário. Enquanto forem instruídos na verdade da fé, serão iniciados em algum ofício ou arte de trabalho<sup>11</sup>.

Conforme Lenti (2012), nas Notas históricas de 1962, em ASC A220, se lê:

Muitos padres e leigos cristãos queriam unir-se a Dom Bosco nesse ministério. Entre os primeiros e mais importantes estão o teólogo Borel, o padre José Cafasso e cônego Carlos Antônio [...] vinham e dedicavam-se a ensinar o catecismo, dar aulas, cuidar dos meninos dentro e fora da igreja. Com dedicação exemplar, guiavam os meninos nas orações e nos cantos, preparavam-nos para receber os

<sup>11</sup> Braido 506 apud Constituições da Sociedade Salesiana (1508).



---

sacramentos da penitência, da comunhão e da confirmação. Tomavam parte nos recreios e nas oficinas mantendo ordem e boas maneiras.

Assim o oratório de Dom Bosco foi adquirindo **características especiais**: um lar, uma igreja, uma escola, um pátio. Realizava instrução religiosa e atividades recreativas com finalidade educativa. Não era, como outros oratórios, atividade de uma paróquia. Transcendia a instituição paróquia, talvez porque tenha percebido a insuficiência deste modelo “paroquial” para resolver concretamente os problemas dos jovens. Ficava num lugar separado (assim era Valdocco, um bairro de periferia), o que garantia independência para o seu trabalho. Enquanto outros oratórios reuniam somente aos domingos e dias festivos (foi assim no início em Valdocco), Dom Bosco ampliou estes encontros para todos os dias. Ampliou também a casa, criando aulas diurnas e noturnas. Visitava os meninos nos canteiros de obras, assistindo-os nas suas necessidades, defendendo-os dos perigos e da exploração. Tal característica de seu oratório se destacava porque se distinguiu nitidamente dos demais no sentido de ir até onde os jovens estavam, enquanto outros esperavam que os jovens viessem até eles.

Os outros oratórios tinham um limite territorial circunscrito ao ambiente da paróquia. Já Dom Bosco fez com que o oratório fosse um “estado de espírito” ou seja, onde quer que estivessem, numa praça, numa igreja, no campo eram locais-meios suficientes para se criar um oratório.

Os oratórios tradicionais eram seletivos. Centravam a atenção nos meninos melhores. Os pais apresentavam garantia de boa conduta. Dom Bosco, ao contrário, acolhia a todos, mas dava preferência para todos os verdadeiros pobres e abandonados, saídos das prisões, desempregados, à deriva, em perigo.

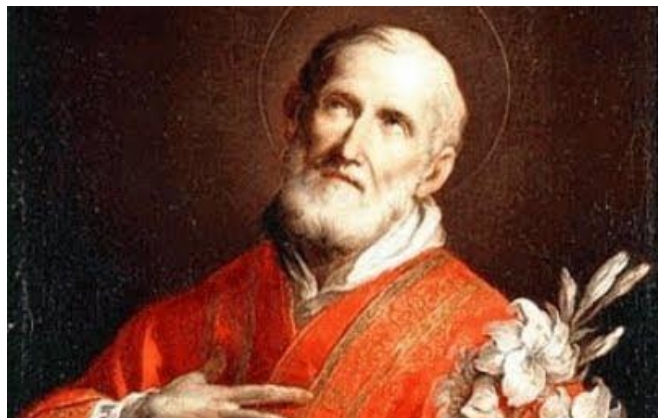
Enquanto nos oratórios tradicionais a importância dos jogos e do pátio eram limitados, Dom Bosco os tinha como fundamentais. Veremos isto, mais à frente, quando falarmos de algumas atividades formativas.

A centralidade dada a Jesus Cristo e à Virgem Maria era notória. Deus, um pai, providente que muito ama e está presente. A devoção aos santos, principalmente de Virgem Maria, bem como a sua imitação, constituía apelo frequente. A prática da confissão e comunhão era sempre recomendada. A dimensão da festa e da alegria como expressões da graça de Deus era sempre motivada.

### 3.5 Figuras inspiradoras

Já antes, mas principalmente nos três anos de aperfeiçoamento no Colégio Eclesiástico e na organização do oratório, Dom Bosco aprofunda ainda mais a admiração e imitação por alguns santos que foram importantes na configuração de um método, de um modo de agir e de pensar que caracterizaram seu apostolado. Neste mesmo período em Turim tem a oportunidade de conhecer obras assistenciais e algumas outras pessoas que foram para ele profundamente inspiradoras e encorajadoras. Falemos, primeiramente, de algumas destas figuras já consagradas, desde aquele tempo, pela Igreja:

- **São Felipe Neri (1515-1595):** um santo amigo dos jovens. Cultivou a música, a poesia, a arte e tudo o que fosse belo. Desenvolveu uma relação especial com os jovens que passavam os dias nas ruas e praças, ocupando-se sobretudo em educá-los. Abriu para eles local de acolhida e diversão. Seu apostolado era alegre e profundamente espiritual.



Fonte: <http://migre.me/w35Gh>

- **São Francisco de Sales (1567-1622):** Um santo humanista. Marcado pela doçura e sensibilidade na ação pastoral. Apreciado pela sua bondade. Escreveu sobre o amor de Deus (*Tratado do amor de Deus*) e foi um formidável exemplo de diretor espiritual. Dom Bosco dará à sua Congregação o nome de *salesianos* em honra justamente deste grande santo.



Fonte: <http://migre.me/w35IQ>

- **Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787):** antirrigorista, de orientação apologética. Contribuiu fortemente com os escritos morais de Dom Bosco.

- **São José Cafasso (1811-1860):** contemporâneo de Dom Bosco, contribuiu decisivamente na sua formação sacerdotal. Foi seu orientador espiritual, conselheiro e amigo. Dom Bosco (padre recém-ordenado), encontrou nele um pai bom e um guia seguro. Foi com ele que Dom Bosco chegou à maturidade teológica, vocacional e, sobretudo, à opção pelos jovens.



Fonte: <http://migre.me/w35KC>

- **Marquesa Julia Barolo (1785-1864):** mulher de esmerada formação cristã e inteiramente comprometida com os pobres de Turim. A primeira experiência pastoral de Dom Bosco foi justamente atendendo jovens pobres e abandonadas que estavam sob os cuidados da marquesa. Empenhou-se profundamente no atendimento às mulheres encarceradas, pobres e prostituídas em Turim. Foi uma das maiores colaboradoras (especialmente no sentido financeiro) aos empreendimentos de Dom Bosco. Cuidava de Dom Bosco como uma mãe cuidava de um filho, pois percebia nele uma grandeza espiritual e uma vocação grandiosa, não obstante o considerasse teimoso e por demais obstinado.





Fonte: <http://migre.me/w35O5>

- **Padre Borel (1801-1873):** que seria de Dom Bosco sem Borel? É uma pergunta cabível vez que este humilde sacerdote, na medida em que era o Padre que atendia o rei do Piemonte (capelão do palácio), era também o maior colaborador de Dom Bosco. Ele, mais que ninguém, esteve ao lado de Dom Bosco nas suas primeiras experiências de trabalho pastoral. Viu de perto a dificuldade de se ter um lugar para atender os jovens, viu os embates políticos, as crises financeiras, os conflitos com o bispo, e, sobretudo, a teimosia de Dom Bosco em ter mais e mais jovens, mas viu também que Dom Bosco era alguém diferente, percebeu nele algo de sobrenatural, e por isso, nunca se desgrudou deste amigo, sendo sempre o seu braço direito e melhor amigo e conselheiro para todas as horas.



Fonte: <http://migre.me/w35Qy>

- **São Carlos Borromeu:** um santo de profunda espiritualidade mística e imensa caridade para com os pobres.

<b>Os bispos do tempo de Dom Bosco</b>		
<b>Colombano Chiaveroti</b>		Governou a Diocese de Turim de 1818 a 1831. Seu lema episcopal era Da Mihi Animas, Caetera Tolle (Dai-me almas e ficai com o resto). Fez reforma estrutural no seminário propondo uma profunda espiritualidade apostólica no clero. Em 1829 fundou o seminário de São Felipe Nery, onde Dom Bosco estudou e se preparou para o ministério presbiteral.
<b>Luis Fransoni</b>		Em 1832 foi nomeado arcebispo de Turim. É um homem da restauração (contra as reformas napoleônicas e contra as leis liberais). Dom Bosco o amava muito. Foi por suas mãos que se ordenou sacerdote. Apoiou grandemente a obra do oratório. Foi exilado em Lyon. Ficou aí até a sua morte em 1862. A sede ficará vacante até 1867.

<p><b>Alejandro Riccardi di Netro</b></p>		<p>Governou a sede de Turim de 1867 a 1870. Homem de muita bondade. Admirador e amigo de Dom Bosco. Embora sempre estivesse apoiando a obra social de Dom Bosco, não se mostrou favorável à fundação da Congregação salesiana, já que não estaria sob seu controle.</p>
<p><b>Lorenzo Gastaldi</b></p>		<p>Grande amigo de Dom Bosco antes de se tornar bispo. Foi catequista no oratório e pregou retiros espirituais para os salesianos. Por sugestão de Dom Bosco é ordenado bispo em 1872. Se opôs à fundação da Congregação salesiana. Criou sérios conflitos com Dom Bosco devido à amizade e comunicação de Dom Bosco diretamente com o Papa. Findou seu bispado em 1883.</p>
<p><b>Cayetano Alimona</b></p>		<p>Nomeado em 1883. Muito amigo de Dom Bosco, bondoso e equilibrado. Não pode estar na morte de Dom Bosco, porém celebrou a missa dos 30 dias de falecimento e sua homilia teve como tema: um grande amigo.</p>

Fonte: Elaboração própria

### Exercício 3

**1. A respeito do tempo de formação do João Bosco no seminário de Chieri, marque a alternativa INCORRETA:**

- a) O regulamento do seminário era bastante sério e rígido, baseado nas orientações do Concílio de Trento.
- b) João Bosco interessou-se profundamente pelos estudos filosóficos, principalmente pela metafísica aristotélico-tomista e pela escolástica.
- c) João Bosco não teve interesse pelos estudos teológicos institucionais, até porque eram voltados para a dogmática-especulativa.
- d) No campo da espiritualidade foi fortemente influenciado por S. Francisco de Sales e S. Felipe Neri.

**2. Relacione corretamente as colunas:**

1	Probabiliorismo	Ensina que o Concílio ecumênico é superior ao Papa. O papa pode cair em erro, a Igreja, não.
---	-----------------	--

2	<b>Laxismo</b>	Refere-se a uma doutrina e uma prática que reivindicam status preferencial à monarquia francesa.
3	<b>Equiprobabilismo</b>	Afirma que só se pode seguir uma opinião favorável à liberdade de consciência se ela for mais provável do que a sua contrária.
4	<b>Tuciorismo</b>	Em caso de dúvida, pode-se seguir a opinião favorável à liberdade de consciência, desde que seja igualmente provável à contrária.
5	<b>Conciliarismo</b>	Em caso de dúvida de consciência deve-se seguir sempre a opinião mais segura. Ou seja, há de prevalecer sempre a lei, a não ser que exista certeza absoluta da inexistência da lei.
6	<b>Galicismo</b>	Afirma que se pode seguir qualquer opinião, basta que ela seja minimamente provável, ou tenha uma mera probabilidade. No aspecto moral isto significou uma “consciência frouxa”.

a) 5 / 6 / 1 / 3 / 4 / 2

b) 1 / 2 / 6 / 3 / 4 / 5

c) 6 / 5 / 1 / 4 / 3 / 2

d) 3 / 4 / 5 / 6 / 2 / 1

### 3. João Bosco em relação às concepções teológicas:

- a) Defendia a predestinação.
- b) Apoiava o rigorismo.
- c) Adquiriu forte mentalidade apologética.
- d) Foi, de modo geral, adepto e defensor do jansenismo.

### 4. O Oratório iniciado por Dom Bosco busca fundamentalmente:

- a) Formar padres para a Igreja.
- b) Dar oportunidade de estudo àqueles que notoriamente se destacavam pela disciplina e pela religiosidade.
- c) Proporcionar estudos e capacitação técnico-profissional aos jovens em vista da necessidade de mão de obra qualificada para a Revolução Industrial.
- d) Dar uma resposta à situação de pobreza, marginalidade e exploração a que estavam submetidos os jovens.

---

## UNIDADE 4 - O SISTEMA PREVENTIVO

O objetivo desta unidade é apresentar o Sistema Preventivo da forma como foi pensado e vivido por Dom Bosco. Com este propósito oferece apenas a experiência embrionária, tal qual se organizou na origem, a partir da qual muitos pensadores e educadores realizam importantes releituras para o mundo moderno. Este último capítulo se organiza a partir do livro “prevenir, não reprimir” de Pietro Braido.

### 4.1 Características essenciais

A experiência educativa desenvolvida por Dom Bosco foi sintetizada na fórmula “Sistema Preventivo”. As reflexões salesianas ao longo do tempo a identificaram com o “espírito salesiano”: um jeito de ser, de viver, de se relacionar caracterizado pela caridade pedagógica e pelo amor educativo que traz consigo:

- **Visão positiva da pessoa humana:** inspirada no humanismo otimista de São Francisco de Sales (daí o nome salesiano). Considera que toda pessoa é dotada de racionalidade, de recursos naturais e sobrenaturais e tem um potencial inesgotável de desenvolvimento, apesar de suas fraquezas: “em todo jovem, mesmo no mais rebelde, existe um ponto acessível ao bem; o primeiro dever do educador é descobrir este ponto, esta corda sensível do coração e tirar proveito disto”<sup>12</sup>.

- **Religiosidade integradora e unificadora:** atitude fundamental de abertura diante do sentido da vida que a partir da religiosidade contempla o ser humano nas suas mais diversas dimensões.

- **Promoção integral:** o ser humano é visto como um todo que, do ponto de vista da pessoa, deve ser ajudada a promover-se integralmente, nas dimensões (somática, psíquica, espiritual); do ponto de vista social é convidado a participar da transformação da realidade e na perspectiva espiritual, é motivado à caridade evangélica.

- **Metodologia do amor educativo:** convivência educativa que se realiza através da assistência-presença. O princípio evangélico do amor deve atingir toda a realidade humana como cimento que torna educadores e educandos membros de uma só família.

---

<sup>12</sup> <https://rse.s3.amazonaws.com/uploads/document/file/193/SubsidioRSE1.pdf>

## 4.2 Para entender a preventividade

Após a traumática experiência da Revolução Francesa, seguida pelas decisões tempestuosas de Napoleão Bonaparte, subvertendo toda a ordem estabelecida no *Ancien Regime*, a sociedade entrou num clima de medo e desconfiança, se prevenindo contra tudo e contra todos. Este clima caracterizou sobretudo o período da Restauração que objetivava a reorganização da sociedade. O medo dos novos revolucionários, das seitas, das sociedades secretas, do liberalismo (liberdade de imprensa, de culto, de associação) levou a preventividade ao extremo, tornando-se repressão. Iniciativas educativas eram vistas como subversivas e como ameaças ao princípio de autoridade. Por isso, a vigilância rigorosa, a censura preventiva. A este conjunto de atitudes, os governantes, desde o Congresso de Viena, chamaram de “princípio preventivo”.

Este “princípio preventivo” se afirma com força em todos os campos: social, político, educacional e religioso. Seu raio de interesse atinge os pobres, mendigos, criminosos, abandonados. Acompanha o problema do êxodo rural e da pré-industrialização. Fiscaliza de perto o fenômeno da mendicância e, como já foi dito, as organizações (grupos sociais). Para amenizar descontentamentos cria um conjunto de obras de beneficência em favor dos pobres: hospitais, orfanatos, asilos de velhos e de viúvas, escolas. Cria obras que, sendo assistenciais, ajudavam pobre, mas não o tirava da pobreza.

Dom Bosco experimentou este regime disciplinar desde a infância (pois nasceu no período da restauração) e, de modo mais intenso quando frequentou o em Chieri o Colégio e o seminário. As prescrições do regulamento, a título de prevenir, era extremamente rígido, no sentido de controle total, inflexível. O controle da vida do aluno era constante, dentro e fora da escola. Lembra que os diretores tinham postura de verdadeiras autoridades, de pouco contato com os alunos e de poderes ilimitados. Esta prevenção é tão carregada de perspectivas negativas que acaba sendo completamente repressiva. O que traz na sua base é justamente o medo e a desconfiança.

## 4.3 O Sistema adotado por Dom Bosco

No contexto da Restauração era comum que as pessoas se referissem a dois tipos distintos de educação: o sistema repressivo (que acreditava na repressão



como melhor forma de prevenir e educar) e o sistema preventivo (que acreditava na educação baseada no otimismo e na confiança humana). É este último o sistema adotado por Dom Bosco. Ele mesmo caracteriza esta situação – e vamos citá-lo na íntegra- ao caracterizar o seu estilo educativo<sup>13</sup>:

São dois os sistemas até hoje usados na educação da juventude: o Preventivo e o Repressivo.

**1. O Sistema Repressivo** consiste em fazer que os súditos conheçam a lei, e depois vigiar para saber os seus transgressores e infligir-lhes, quando necessário, o merecido castigo. Nesse sistema, as palavras e o semblante do superior devem constantemente ser severos e até ameaçadores, e ele próprio deve evitar toda a familiaridade com os dependentes. O diretor, para dar mais prestígio à sua autoridade, raro deverá achar-se entre os dependentes e quase unicamente quando se trata de ameaçar ou punir. Esse sistema é fácil, menos trabalhoso. Serve especialmente para soldados e, em geral, para pessoas adultas e sensatas, que devem, por si mesmas, estar em condições de saber e lembrar o que é conforme as leis e outras prescrições.

**2. Diferente, e eu diria oposto, é o Sistema Preventivo.** Consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, deem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas. O sistema apoia-se todo inteiro na razão, na religião e na bondade. Exclui, por isso, todo o castigo violento, e procura evitar até as punições leves. Parece preferível pelas seguintes razões:



Fonte: <http://migre.me/w36ek>

- O aluno, previamente avisado, não fica abatido pelas faltas cometidas, como sucede quando são levadas ao conhecimento do superior. Não se irrita pela correção feita nem pelo castigo ameaçado, ou mesmo infligido, pois a punição contém em si um aviso amigável e preventivo que o leva a refletir e, as mais das vezes, consegue granjear-lhe o coração. Assim o aluno reconhece a necessidade do castigo e quase o deseja.

- A razão mais essencial é a volubilidade do menino, que num instante esquece as regras disciplinares e o castigo que ameaçam. Por isso é que, amiúde, se torna um menino culpado e merecedor de uma pena em que nunca pensou, e de que absolutamente não se lembrava no momento da falta cometida, e que teria por certo evitado, se uma voz amiga o tivesse advertido.

<sup>13</sup> "A Pedagogia de Dom Bosco em seus escritos", Editora Salesiana, 2004, São Paulo, p. 8 - 13 e 23 - 32. [www.editorasalesiana.com.br](http://www.editorasalesiana.com.br)

- O Sistema Repressivo pode impedir uma desordem, mas dificilmente melhorará os culpados. Diz a experiência que os jovens não esquecem os castigos recebidos, e geralmente conservam ressentimento acompanhado do desejo de sacudir o jugo e até de tirar vingança. Podem, às vezes, parecer indiferentes; mas quem lhes segue os passos sabe quão terríveis são as reminiscências da juventude. Esquecem facilmente os castigos que recebem dos pais; muito dificilmente, porém, os dos educadores. Há casos de alguns que na velhice se vingaram com brutalidade de castigos justos que receberam nos anos de sua educação. O Sistema Preventivo, pelo contrário, granjeia a amizade do menino, que vê no assistente um benfeitor que o adverte, quer fazê-lo bom, livrá-lo de dissabores, castigos e desonra.



Fonte: <http://migre.me/w36ia>

- O Sistema Preventivo predispõe e persuade de tal maneira o aluno, que o educador poderá em qualquer lance falar-lhe com a linguagem do coração, quer no tempo da educação, quer depois. Conquistado o ânimo do discípulo, poderá o educador exercer sobre ele grande influência, avisá-lo, aconselhá-lo, e também corrigi-lo, mesmo quando já colocado em qualquer trabalho ou empregos públicos, ou no comércio. Por essas e muitas outras razões, parece que o Sistema Preventivo deve preferir-se ao Repressivo.

### **Aplicação do Sistema Preventivo**

A prática desse sistema baseia-se toda nas palavras de S. Paulo: “A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo”. Por isso, somente o cristão pode aplicar com êxito o Sistema Preventivo. Razão e Religião são os instrumentos de que o educador se deve servir; deve inculcá-los, praticá-los ele mesmo, se quiser ser obedecido e alcançar os resultados que deseja.

1. Deve, pois, o diretor consagrar-se totalmente aos seus educandos: jamais assuma compromissos que o afastem das suas funções. Pelo contrário, permaneça sempre com seus alunos, todas as vezes que não estiverem regularmente ocupados, salvo estejam por outros devidamente assistidos.

2. A moralidade dos professores, mestres de oficina, assistentes, deve ser notória. Esforcem-se eles por evitar, como epidemia, toda a sorte de afeições ou amizades sensíveis com os alunos, e lembrem-se de que o descaminho de um só pode comprometer um instituto educativo. Veja-se que os alunos não fiquem jamais sozinhos. Porquanto possível, os assistentes sejam os primeiros em achar-se no lugar onde os alunos se devem reunir; entretenham-se com eles enquanto não vier um substituto; nunca os deixem desocupados.

3. Dê-se ampla liberdade de correr, pular e gritar, à vontade. Os exercícios ginásticos e desportivos, a música, a declamação, o teatro, os passeios, são meios efficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e conservar a saúde. Mas haja cuidado em que a matéria das diversões, as pessoas que tomam parte, as falas, não sejam repreensíveis. “Fazei quanto

quiserdes”, dizia o grande amigo da juventude, S. Felipe Néri, “a mim me basta que não cometais pecados”.

4. A confissão frequente, a comunhão frequente e a missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edifício educativo, do qual se queira eliminar a ameaça e a vara. Nunca se obriguem os jovens a frequentar os santos sacramentos: basta encorajá-los e dar-lhes comodidade de se aproveitarem deles. Nos exercícios espirituais, tríduos, novenas, pregações, catecismos, ponha-se em relevo a beleza, a sublimidade, a santidade da Religião, que oferece meios tão fáceis, tão úteis à sociedade civil, à paz do coração, à salvação da alma, como são precisamente os santos sacramentos. Dessa maneira, estimulam-se os meninos a querer, espontaneamente, essas práticas de piedade; haverão de cumpri-las de boa vontade, com prazer e fruto.

5. Use-se a máxima vigilância para impedir que entrem no instituto companheiros, livros ou pessoas que tenham más conversas. A escolha de um bom porteiro é um tesouro para uma casa de educação.

6. Todas as noites, após as orações de costume e antes que os alunos se recolham, o diretor, ou quem por ele dirija, em público algumas afetuosas palavras, dando algum aviso ou conselho sobre o que convém fazer ou evitar. Tire-se a lição moral de acontecimentos do dia, sucedidos em casa ou fora; mas a sua alocução não deve passar de dois ou três minutos. Essa é a chave da moralidade, do bom andamento e do bom êxito da educação.

7. Afaste-se como a peste a opinião dos que pretendem diferir a primeira comunhão para uma idade demasiado adiantada, quando em geral o demônio já se apossou do coração dos meninos, com incalculável dano da sua inocência. Conforme a disciplina da Igreja primitiva, costumava dar-se às crianças as hóstias consagradas que sobravam da comunhão pascal. Isso demonstra quanto preza a Igreja sejam os meninos admitidos mais cedo à santa comunhão. Quando uma criança pode distinguir entre Pão e pão, e revela instrução suficiente, já não se olhe para a idade, e venha o Soberano Celeste reinar nessa alma abençoada.

8. Os catecismos recomendam a comunhão frequente: S. Felipe Néri aconselhava-a cada oito dias e ainda mais amiúde. O Concílio Tridentino diz claro que deseja sumamente que todos os fiéis, quando ouvem a santa missa, façam também a comunhão. Porém seja a comunhão não só espiritual, mas ainda sacramental, a fim de que se tire maior fruto desse augusto e divino sacrifício (Concílio Tridentino, Sess. XXII, capítulo VI).

#### **Utilidade do Sistema Preventivo**

Dir-se-á que esse sistema é difícil na prática. Observo que da parte dos alunos torna-se bastante mais fácil, agradável e vantajoso. Para o educador, encerra alguma dificuldade que, porém, diminuirá se ele se entregar com zelo à sua missão. O educador é um indivíduo consagrado ao bem de seus alunos: por isso, deve estar pronto a enfrentar qualquer incômodo e cansaço, para conseguir o fim que tem em vista: a formação cívica, moral e científica dos seus alunos.

#### **Além das vantagens acima expostas, acrescenta-se ainda o seguinte:**

1. O aluno conservará sempre grande respeito para com o educador e lembrará com gosto a educação recebida e considerará ainda os seus mestres e demais superiores como pais e irmãos. Esses alunos, nos lugares para onde forem, serão, as mais das vezes, o consolo da família, cidadãos honestos e bons cristãos.

2. Qualquer que seja o caráter, a índole, o estado moral do aluno ao ser admitido, podem os pais viver seguros de que seu filho não vai piorar, e considera-se como certo que se alcançará sempre alguma melhora. Antes, meninos houve que depois de terem sido por muito tempo o flagelo dos pais, e, até, rejeitados pelas casas de correção, educados segundo esses

princípios, mudaram de índole e caráter, deram-se a uma vida honrada, e presentemente ocupam posição distinta na sociedade, tornando-se, desse modo, o amparo da família e honra do lugar em que moram.

3. Os alunos que por acaso entrassem num instituto com maus hábitos, não podem prejudicar os seus companheiros. Nem os meninos bons poderão ser por eles contaminados, porque não haveria tempo, nem lugar, nem ocasião, pois o assistente, que supomos presente, logo lhes acudiria.

### **Uma palavra sobre os castigos**

Que norma seguir para dar castigos? — Porquanto possível, jamais se faça uso de castigos. Quando, porém, a necessidade o exige, observe-se quanto segue:

1. O educador entre os alunos procure fazer-se amar se quer fazer-se respeitar. Nesse caso, a subtração da benevolência é um castigo que desperta emulação, infunde coragem sem deprimir.

2. Entre os meninos é castigo o que se faz passar por castigo. Observou-se que um olhar não amável produz para alguns maior efeito que uma bofetada. O elogio quando uma ação é bem feita, a repreensão quando há desleixo, é já um prêmio ou castigo.

3. Salvo raríssimos casos, as correções, os castigos, nunca se deem em público, mas em particular, longe dos companheiros, e empregue-se a máxima prudência e paciência para que o aluno compreenda a sua falta, à luz da razão e da religião.

4. Bater, de qualquer modo que seja, pôr de joelhos em posição dolorosa, puxar orelhas, e outros castigos semelhantes, devem-se absolutamente banir, porque são proibidos pelas leis civis, irritam sobremaneira os jovens e desmoralizam o educador.

5. Torne o diretor bem conhecidas as regras, os prêmios e os castigos sancionados pelas leis disciplinares, a fim de que o aluno não possa desculpar-se dizendo: “Eu não sabia que isso era mandado ou proibido”. Se em nossas casas se puser em prática este sistema, creio poderemos alcançar grande resultado, sem recorrermos a pancadarias, nem a outros castigos violentos. Há quarenta anos, mais ou menos, que trato com a juventude, não me lembro ter usado castigo de espécie alguma. Com o auxílio de Deus, não só obtive sempre o que era de dever, mas ainda o que eu simplesmente desejava, e isso daqueles mesmos meninos dos quais se havia perdido a esperança de bom resultado.

Percebe-se que a metodologia educativa é totalmente confiada ao educador. Ele é, na verdade, um “consagrado” aos alunos. Desenvolve para com eles uma relação de “pai-irmão-amigo”, compartilhando a vida, reproduzindo, em tudo, o ambiente de família. Ele é o modelo de como se vive a religião, a razoabilidade e a amabilidade.

### **4.3.1 Traços de psicologia juvenil**

Intuitivamente e sendo bom observador, desde a infância, Dom Bosco conseguiu delinear algumas características que, conforme a índole preventiva de sua educação, lhe foram muito úteis.

Destaca-se portanto que o sistema preventivo **supõe uma análise da psicologia juvenil**. O que está por trás de cada linha deste pequeno tratado sobre o Sistema Preventivo, elaborado por Dom Bosco, além da realidade social de cada jovem, é também o seu perfil psicológico. Era necessário dar uma resposta à pessoa inteira. O que se objetivava era a formação integral da pessoa.



Fonte: <http://migre.me/r3rEF>

Braido (2004, p.182) nos auxilia nesta caracterização dizendo que captava os traços da psicologia juvenil na convivência, observando-os principalmente nos momentos de descontração, jogos e brincadeiras. O objetivo prático e imediato era encontrar o melhor jeito de apresentar-lhe algo que fosse significativo (linguagem, proposta educativo-pastoral) que representasse, para ele, o acesso mais seguro à prática das virtudes. Eis algumas das percepções de Dom Bosco:

- **A mobilidade juvenil**, que num instante *esquece* as normas disciplinares e as ameaças de castigo. “Por isso, com frequência, um menino torna-se culpável e merecedor de uma pena, na qual ele nunca pensou, talvez nem lembrasse absolutamente nada da falta cometida, e que teria certamente evitado, se uma voz amiga o tivesse advertido” (DOM BOSCO, 1877).
- **A falta de experiência, a imaturidade** e, por conseguinte, a inevitável *tempestividade e imprudência*. Para Dom Bosco, a juventude, no sentido mais amplo, é, por definição, perigosamente *inexperiente*, e por isso, *instável e incauta*. Ela pode, por isso, deixar-se facilmente enredar por enganos de todo tipo e origem.
- “Incitados pelos companheiros ou pela **irreflexão**, deixam-se facilmente arrastar pela desordem, pelo único motivo de serem abandonados”.
- **A juventude é volúvel**, “não tem firmeza nos compromissos, é frágil, cansa-se logo, desencoraja-se e perde com facilidade o entusiasmo” (STELLA, 1980, p.190). “É próprio da idade volúvel da juventude –

escreve Dom Bosco na biografia de Domingos Sávio – mudar, com frequência, de ideia a respeito daquilo que se quer”.

Muito naturalmente, isto fica mais evidente diante de realidades sérias e comprometedoras, como a religião e a piedade, o estudo, o trabalho, a disciplina. Considerava ser muito difícil levar os jovens a ter gosto pela oração. Percebia que sua idade volúvel fazia parecer enjoativa e muito pesada qualquer coisa que exige uma atenção mais séria da mente.

**Como fruto de suas observações se convencia de que:**

- havia jovens de **índole boa**: era preciso cultivar;
- havia outros de **índole perversa**: era necessário ficar por perto e ajudá-los;
- havia jovens de **vontade fraca**: era preciso fortalecê-los;
- havia outros, que, com **vontade forte e decidida**, serviam de exemplo para os demais.

**E continuava a observar:**

- O jovem precisa de movimento, atitude benéfica para liberação das energias físicas, intelectuais, emotivas, morais. Para expressar a vida. Inspira-se em São Felipe Néri: “Dê-se ampla liberdade de pular, correr, fazer barulho à vontade”.

- Há uma **natural simpatia pelas coisas boas**, inconscientemente inclinado à verdadeira felicidade.

- Observa também a vivacidade, a espontaneidade. Por isso afirmava: “Tenha-se presente que os jovens recebem em seu coração as impressões de coisas vivamente apresentadas, e dificilmente a gente consegue fazê-las esquecer com razões ou com fatos opostos”<sup>14</sup>.

Deriva desta percepção a constatação de duas dimensões globais da psicologia juvenil que abrangem toda a personalidade e têm incidência sobre todo o sistema educativo: o vivíssimo sentido da *justiça*, a *intolerância de qualquer tipo de injustiça*, e a forte *afetividade*, o *coração*. Elas referem-se sobretudo a garotos em pleno período da adolescência e encaminhados para uma juventude mais madura.

<sup>14</sup> Regulamento para as casas..., primeira parte, capítulo XVI Do teatrinho, página 50, OE XXIX 146.

Sobre o *sentido da justiça*, Dom Bosco dedica aos educadores uma preocupada reflexão: Observou-se que os jovens não esquecem os castigos recebidos, e ademais conservam com amargura unida ao desejo de sacudir o jugo e também de tirar vingança. Parece às vezes que não se importam, mas quem os segue sabe que são terríveis as reminiscências da juventude; e que esquecem facilmente os castigos recebidos dos pais, mas muito dificilmente os dos educadores. Há até fatos de alguns que na velhice vingaram-se brutalmente de certos castigos que lhes foram infringidos com justiça no tempo de sua educação”<sup>15</sup>.



Fonte: <http://migre.me/r3vCy>

Em seus traços essenciais percebe-se que, para Dom Bosco a educação é “coisa de coração” porque o garoto normal, quase por natureza, é *coração*. Por isso o educador poderá sempre ganhar “o coração do seu protegido” e “falar com a linguagem do coração”. Com efeito, “em todo jovem, mesmo no mais infeliz, existe um ponto acessível ao bem e dever primeiro do educador é procurar este ponto, essa corda sensível do coração e dela tirar proveito”<sup>16</sup>.

#### 4.3.2 Fundamentos da ação educativa

Dom Bosco considerava que todo o seu sistema se apoiava no tripé: razão, religião e amorevolezza, entendendo:

**a) Razão** como processo de compreensão de si e do mundo que permite ao jovem compreender a razão de ser das coisas e por isso o auxilia a tomar decisões. Permite equilíbrio e sensatez no relacionamento interpessoal, ilumina a compreensão dos fatos da existência e dos fundamentos das exigências morais.

A razoabilidade significa que toda prática, todas as normas devem ser perfeitamente entendidas e aceitas (livremente) pelo educando. O resultado imediato disto é a ausência de autoritarismo e imposições. Neste fundamento, aliás, reside o sentido para tudo o que se faz. As atitudes e os procedimentos são claras e o agir, transparente. Respeita-se, portanto o sagrado valor da liberdade, vez que a

<sup>15</sup> O sistema preventivo (1877), páginas 48, 50, OE XXVIII 426-428

<sup>16</sup> Citado em MB V 367.

imposição cede lugar para a adesão livre e espontânea: “recusa ao autoritarismo e à condenação das relações educativas baseadas na sedução maldosa e interesseira. Sempre o educador deve apelar para a capacidade de discernimento do educando” (CASTRO, 2010, p. 29).

**b) Religião** como busca e descoberta do sentido da vida. Abertura para o transcendente e conseqüentemente para o próximo, em atitude de misericórdia e caridade. É fator educativo que tem o poder de motivar e transformar pessoas, assegurando valores éticos e morais, sendo um verdadeiro manancial da fé, de caridade, de amor-doação, de alegria, de oração e celebração, de festa, de diálogo, de perdão.

Quando perguntado, por um ministro inglês - que visitava o oratório- o que fazia para que os jovens estivessem tão bem comportados e empenhados nos seus deveres, dom Bosco responde: aqui nós temos religião. Este fundamento proporcionava ao jovem a clara consciência de que Deus estava presente. Ele é o grande doador da vida e de todos os dons, inclusive e principalmente, de toda a realidade do oratório: o pão, a sopa, o cobertor, o estudo, os educadores, as oficinas, tudo. A partir desta consciência tudo poderia ser motivo de transcendência, ou seja, o estudo, o trabalho, os relacionamentos falam de Deus. Isto é ser contemplativo na ação: estar sempre na presença de Deus. Um resultado imediato desta atitude é aquele do cuidado: se Deus, amorosamente me proporciona tudo isto, me proporciona a vida, então, vou cuidar. A atitude do cuidado brota de dentro (preventivamente), não de fora (repressivamente).

**c) Amorevolezza**<sup>17</sup> é um termo guarda-chuva que abriga embaixo de si virtudes relacionais, atitudes ou comportamentos entre pessoas, que se revelam em palavras, gestos, ajudas, dons, sentimentos de amor, de graça e de cordial disponibilidade. Aí se abriga o amor, a caridade, a amizade, a ternura. Aí se encontram as atitudes de afeto, benevolência, benignidade, solicitude, familiaridade. Com a amorevolezza Dom Bosco queria assegurar a plenitude de expansão vital, a capacidade de resposta ao afeto. Não existe amorevolezza em concreto, sem um ambiente e um clima de família, de confiança cordial e afetuosa.

Segundo Braidó (2008, p. 269), razão, religião e amorevolezza não são realidades paralelas, mas perfeitamente integradas, interpenetradas uma na outra. E isto acontece tanto em nível de fins e conteúdos quanto de meios e métodos. No

<sup>17</sup> <http://www.domboscoitaquera.org.br/dbosco/sisprev.htm> (última visita em 20/01/2017).



primeiro nível, eles constituem uma síntese original dos elementos necessários para o desenvolvimento completo do jovem: físico, intelectual, moral, social, religioso e afetivo. Em nível metodológico, põe em ação um conjunto orgânico de intervenções apropriadas para envolver um jovem aluno nas suas mais significativas potencialidades, mente, coração, vontade.

No pensamento de Dom Bosco não é possível razão sem religião e sem amabilidade (*amorevolezza*), o que se traduziria por uma lógica fria e desumana; da mesma forma, não se concebe *amorevolezza* sem razão e, principalmente, sem a religião, o que poderia ser nada mais que afetos desordenados e paixões. Religião sem razão e sem *amorevolezza* se configura à imposição religiosa, obrigatória e sem alegria. Por isso, é extremamente coerente pensar que os fundamentos são inseparáveis e concorrem com a mesma intensidade para a formação equilibrada e integral da pessoa humana.

A vivência destes princípios, na dimensão da *amorevolezza*, permite:

- Superar o intimismo do simples relacionamento dual, garantindo a sociabilidade e o espírito de família, tendo como raiz a caridade e a alteridade.

- “Ganhar o coração” ou seja, ter a capacidade de obter do jovem o pleno consentimento, com base no exercício consciente da própria liberdade, para o cumprimento dos próprios deveres em vista do seu próprio bem. Neste contexto, onde o jovem sabe que é amado, obter o consenso racional de que correção feita ou o castigo (ameaçado ou infligido) expressa o amor paterno que busca somente o bem, o crescimento, a superação.

- Desenvolver o sentimento de misericórdia diante dos males e desventuras dos jovens pobres e abandonados (e da pessoa humana como um todo), representando a compaixão do próprio Deus diante da ignorância, da solidão, do ócio, da corrupção e do pecado.

- Vivenciar a alegria como realidade inseparável do estudo, do trabalho e da piedade. Castro (2015 pg. 116), ao se referir à alegria a concebe, em Dom Bosco, como um “expediente metodológico” e “meio” para fazer aceitar o que é “sério” em educação, o seja, Dom Bosco se servia dos momentos de recreação para insinuar aos alunos pensamentos religiosos e a frequência aos sacramentos:

A liturgia sagrada, feita de ritos de cantos e de música entrelaça-se com a liturgia do trabalho e do tempo livre. Dê-se ampla liberdade e correr, saltar, gritar à vontade. A ginástica, a música a declamação,

o teatro, os passeios são meio eficazes para se obter a disciplina e ajudar a moralidade e a santidade.

Castro (2015, p. 110-111), lembra ainda que a alegria, neste contexto educativo, é o coroamento do dever cumprido no dia a dia, e se torna uma proposta de espiritualidade capaz de contemplar tudo como expressão da bondade de Deus.

“[...] onde está a graça de Deus, aí existe a alegria”. Segundo o autor, a convicção existente na casa de Dom Bosco era exatamente esta: somente Deus pode preencher completamente o coração do homem.

É possível, enfim, mediante a vivência persistente e fiel destes fundamentos, propor a santidade como ideal para os jovens, tornando-os sempre melhores através de coisas simples e fáceis, nunca com austeridades; zelando para que haja perseverança na oração, no amor à Eucaristia e no espírito de penitência, na confissão e na devoção à Nossa Senhora. Em tudo “*servindo ao Senhor com alegria*”.

#### **Exercício 4**

##### **1. Assinale a alternativa que NÃO corresponde às características do Sistema Preventivo:**

- a) Visão positiva da pessoa humana.
- b) Promoção integral.
- c) Metodologia do amor educativo.
- d) Ordenamento hierárquico e distinto entre superiores e alunos.
- e) Religiosidade integradora e unificadora.

##### **2. Analise os enunciados a seguir:**

I. A preventividade foi implantada pela política napoleônica como forma de manter o controle social.

II. A preventividade é característica do período da Restauração.

III. Dom Bosco, por pertencer às fileiras eclesiásticas não sofreu a repressão vivida na sociedade.

- a) Todos os enunciados estão corretos.
- b) Apenas o enunciado I está correto.
- c) Apenas os enunciados II e III estão corretos.
- d) Apenas o enunciado II está correto.

**3. Em relação ao Sistema Preventivo e Repressivo analise os enunciados a seguir:**

**3.1 O Sistema Preventivo orienta àqueles que exercem a autoridade a permanecerem entre os alunos apenas em situações especiais.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**3.2 O Sistema Preventivo faz o súdito conhecer a lei, vigia e pune o transgressor.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**3.3 O Sistema Repressivo dá a conhecer as leis e vigia, colocando o aluno na impossibilidade de errar.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**3.4 Tanto o Sistema Preventivo quanto o Repressivo têm um mesmo objetivo: educar.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**3.5 Assim como o Sistema Preventivo, o Sistema Repressivo também se utiliza dos fundamentos Razão, Religião e Amorevolleza.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**3.6 No Sistema Preventivo de Dom Bosco nunca se pode recorrer aos castigos.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

**3.7 Para elaborar o “seu Sistema Preventivo” Dom Bosco observou a psicologia juvenil.**

- a) Verdadeiro
- b) Falso

## REFERÊNCIAS

BOSCO, João. **Ensinamentos de Vida Espiritual** – Uma antologia. Introdução e notas de Aldo Giraud. Trad. Hilário Moser. Brasília: Editora Dom Bosco, 2014.

\_\_\_\_\_. **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales (1815-1855)**. Introdução e notas de Antônio da Silva Ferreira. Trad. Fausto Santa Catarina. Brasília: Editora Dom Bosco, 2012.

BOSCO, Terésio. **Dom Bosco**: uma biografia nova. 6a Ed. Trad. Hilário Passero. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

BRAIDO, Pietro. **Dom Bosco padre do jovens no século da liberdade**. Trad. Geraldo Lopes. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 2008.

\_\_\_\_\_. **Prevenir, não reprimir**: o sistema educativo de Dom Bosco. Trad. Jacy Cogo. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 2004.

\_\_\_\_\_. **Buon cristiano e onesto cittadino**: una formula dell' 'umanesimo educativo' di don Bosco. Roma: LAS, 1994.

BUCCELLATO, Giuseppe. **Dom Bosco**: notas para uma história espiritual de sua vida. Trad. Hilário Moser. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 2009.

CASTRO, Afonso. **A alegria na espiritualidade de São João Bosco**. Campinas: Arte Brasil Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. **Releitura do Sistema Preventivo na Sociedade Pós-Moderna**. Editora UCDB- Campo Grande-MS, 2001

\_\_\_\_\_. **Carta de Roma de Dom Bosco**. Campo Grande: Ed. UCDB, 2007.

\_\_\_\_\_. **Presença institucional salesiana**: informações e orientações para os leigos que trabalham em nossas instituições. Campo Grande: Ed. UCDB, 2007.

\_\_\_\_\_. **Formação salesiana**: trabalho, educação e ética. Campo Grande: Ed. UCDB, 2007.

CAVIGLIA, Alberto. **Não basta amar...** A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 2008.

\_\_\_\_\_. **Dom Bosco**: uma visão histórica. Trad. Antônio da Silva Ferreira. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1987.

GODECHOT, Jacques. **A Revolução Francesa**: cronologia comentada. Trad. Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

JEANGUENIN, Gilles. **Fioretti de São Francisco de Salles**. Trad. Hilario Moser. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 2014.

LENTI, Arthur J. **Dom Bosco**: História e Carisma. Vol. 2: Expansão: De Valdocco a Roma (1850-1875). Brasília: Editora Dom Bosco, 2013.

\_\_\_\_\_. **Dom Bosco**: história e carisma. Vol. 1 – Origem: dos Becchi a Valdocco (1815-1849). Trad. Antenor Velho. Brasília: Editora Dom Bosco, 2012.

MODESTI, João. **Uma pedagogia Perene**: Filosofia da educação de Dom Bosco. Editorial Dom Bosco – São Paulo, 1975

PERAZA, Fernando. **Conociendo a Don Bosco**: curso de iniciación de la vida de San Juan bosco. CSRFP – Quito, 2001.

PERAZA, Leal. **Don Bosco en su tierra e entre su gente**. CSRFP – Quito, 2015.

PERINI, João Carlos. **Dom Bosco e os jogos**: a fascinante pedagogia do santo dos jovens. Brasília: Cisbrasil-Cib, 2014.

SCARAMUSSA, Tarcísio. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco**: um estilo de educação. 3a Ed. São Paulo: Editora Salesiana de Dom Bosco, 1984, p. 77.